

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

JONATHAS TRINDADE DA SILVA

Povos indígenas na revista *O Malho* (1902-1953): considerações sobre o simbolismo
nacional, o exotismo e a educação para a civilização

Uberlândia

2026

JONATHAS TRINDADE DA SILVA

Povos indígenas na revista *O Malho* (1902-1953): considerações sobre o simbolismo
nacional, o exotismo e a educação para a civilização

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação.

Área de concentração: História e Historiografia da Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Raquel Discini de Campos.

Uberlândia

2026

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S586 Silva, Jonathas Trindade da, 1993-
2026 Povos indígenas na revista *O Malho* (1902-1953) [recurso eletrônico] : considerações sobre o simbolismo nacional, o exotismo e a educação para a civilização / Jonathas Trindade da Silva. - 2026.

Orientadora: Raquel Discini de Campos.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Educação.
Modo de acesso: Internet.
DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2026.122>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Educação. I. Campos, Raquel Discini de, 1975-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Educação.
III. Título.

CDU: 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação

Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 156 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4212 - www.pged.faced.ufu.br - pged@faced.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Educação				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 04/2026/957, PPGED				
Data:	Dez de fevereiro de dois mil e vinte e seis	Hora de início:	9:00h	Hora de encerramento:	11:05
Matrícula do Discente:	12412EDU019				
Nome do Discente:	JONATHAS TRINDADE DA SILVA				
Título do Trabalho:	"Povos indígenas na revista O Malho (1902-1953): considerações sobre o simbolismo nacional, o exotismo e a educação para a civilização"				
Área de concentração:	Educação				
Linha de pesquisa:	História e Historiografia da Educação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	"Rir da escola e da educação. As ilustrações satíricas de J.Carlos (1884-1950) e a subversão do poder pelo humor"				

Reuniu-se, através da sala virtual RNP (<https://conferenciaweb.rnp.br/sala/raquel-discini-de-campos>), da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação, assim composta: Professores Doutores: Kênia Hilda Moreira - UFGD; Sauloéber Tarsio de Souza - UFU e Raquel Discini de Campos - UFU, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Raquel Discini de Campos, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Raquel Discini de Campos, Professor(a) do Magistério Superior**, em 10/02/2026, às 11:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sauloeber Tarsio de Souza, Professor(a) do Magistério Superior**, em 12/02/2026, às 07:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Kênia Hilda Moreira, Usuário Externo**, em 12/02/2026, às 07:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **7049329** e o código CRC **9BB2F2B1**.

Referência: Processo nº 23117.007223/2026-33

SEI nº 7049329

À memória dos povos indígenas, também coautores, cujas existências atravessaram o tempo. *Tçohó dó Ynatekié ay Badzé Amé Cribuné!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao Programa de Pós-Graduação em Educação e à Universidade Federal de Uberlândia pelo espaço e pelo acolhimento institucional, bem como pelas condições acadêmicas oferecidas, fundamentais para minha formação.

Igualmente, agradeço à minha orientadora, Raquel Discini de Campos, pela atenção, confiança e sensibilidade; sua valiosa contribuição foi central para a trajetória e o desenvolvimento desta pesquisa, especialmente na partilha de saberes.

Aos colegas dessa jornada acadêmica, ficam as memórias e as histórias compartilhadas, os risos que suavizaram os percursos e os diálogos acalorados.

Ao meus povos Xukuru-Kariri/AL e Tupinambás de Yberaba/MG, ynatekié yetçãmyá kuekatu reté! Ay Badzé, yeé dubo-hery ybá! Na grande árvore da vida, somos as raízes que sustentam a tradição e ancestralidade da nossa gente.

Por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de mestrado, cujo apoio material tornou possível a dedicação total a este trabalho.

RESUMO

A presente pesquisa analisa as representações dos povos indígenas na revista ilustrada *O Malho* ao longo de todo seu período de circulação (1902-1953). Inserido no campo da História da Educação e da História Cultural, o estudo investiga de que modo o periódico, por meio de um vasto acervo verbo-visual (charges, caricaturas, fotografias e crônicas), atuou como um dispositivo pedagógico informal que contribuiu para a formação do imaginário social e na educação do olhar de seus leitores sobre as populações indígenas. Para o percurso metodológico, realizou-se um levantamento e análise documental das diferentes fases editoriais da revista, categorizando as imagens e discursos conforme suas intencionalidades didáticas e políticas. A análise dos dados revelou a predominância de três categorias representativas: o indígena como símbolo nacional (alegoria cívica e sátira política); o indígena e a educação para a civilização (focado na catequese, na tutela do SPI e na integração ao trabalho); e o indígena como figura exótica (explorado pela curiosidade e folclore). Conclui-se que *O Malho* colaborou na produção de um "índio de papel", distanciado dos povos indígenas reais e suas culturas. Essa construção ideológica oscilava entre a exaltação mítica e a subalternização, legitimando projetos de intervenção estatal e naturalizando a tutela como sinônimo de civilização, refletindo de que maneira o periódico educava seu público sobre os assuntos indígenas.

Palavras-chave: povos indígenas; representação; *O Malho*; História da Educação.

ABSTRACT

This research analyzes the representations of indigenous peoples in the illustrated magazine *O Malho* throughout its entire circulation period (1902-1953). Situated within the fields of History of Education and Cultural History, the study investigates how the periodical, through a vast verbo-visual collection (cartoons, caricatures, photographs, and chronicles), acted as an informal pedagogical device in shaping the social imaginary and in the "education of the gaze" of its readers regarding indigenous populations. Regarding the methodological path, a survey and documentary analysis of the magazine's different editorial phases were carried out, categorizing images and discourses according to their didactic and political intentions. The data analysis revealed the predominance of three representative categories: the indigenous person as a national symbol (civic allegory and political satire); the indigenous person and education for civilization (focused on religious catechesis, state tutelage via the SPI, and integration into the labor force); and the indigenous person as an exotic figure (explored through curiosity and folklore). It is concluded that *O Malho* collaborated in the production of a "paper Indian," distanced from real indigenous peoples and their cultures. This ideological construction oscillated between mythical exaltation and subalternation, legitimizing state intervention projects and naturalizing tutelage as a synonym for civilization, reflecting how its audience was educated on indigenous matters.

Keywords: Indigenous peoples; representation; *O Malho*; History of Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: “Um grupo de vendedores d’ <i>O Malho</i> , em Santos”.....	24
Figura 2: “Os vendedores de revistas que constituem a Agência de Revistas Nacionais, no Ceará, e onde se encontram todas as publicações da Sociedade Anônima <i>O Malho</i> ”	24
Figura 3: Recorte da revista <i>O Malho</i> : “Brinde aos leitores”.....	26
Figura 4: “ <i>O Malho</i> na exposição”	28
Figura 5: Conjunto de publicações da Sociedade Anônima <i>O Malho</i> em 1933	30
Figura 6: Capa da primeira edição d’ <i>O Malho</i> - “Semanario humoristico, artístico e litterario”	32
Figura 7: Propagandas com novas paletas de cores, 1906.....	33
Figura 8: Nilo Peçanha (de vestes finas), Rodolpho Miranda (o escultor) e Zé Povo (com livros nas mãos) na charge política “A catequese e seu modelador”.....	35
Figura 9: “A caminho da vitória”	37
Figura 10: Recorte da revista <i>O Malho</i> : Preço das assinaturas	38
Figura 11: Comparação artística das capas d’ <i>O Malho</i> durante 3 décadas	39
Figura 12: Comparação visual de diagramação de edições do mesmo ano.....	41
Figura 13: Capa d’ <i>O Malho</i> , 1904	44
Figura 14: À esquerda, “A mensagem do cacique”. À direita, “O caso da panthera”	45
Figura 15: À esquerda, “O S. Sebastião do dia”. À direita, “O protesto do caboclo”	46
Figura 16: "Banda de música dos índios bororós"	47
Figura 17: “Representantes da selvageria e da civilização”	48
Figura 18: "A cidade e as serras".....	49
Figura 19: "Pelos índios"	49
Figura 20: À esquerda, “O novo S. Sebastião”. À direita, “É preciso acabar com o monstro!”	50
Figura 21: À esquerda, “A hecatombe cearense”. À direita, “A situação financeira”	51
Figura 22: "Nos confins do Brazil"	52
Figura 23: Capa da edição nº 725, “Pela Águia: Contra os urubus!”	52
Figura 24: Capa da edição nº 835, “Rondônia”	53
Figura 25: [...] ao centro o indiozinho que o herói sertanista trouxe em sua companhia”.....	54
Figura 26: À esquerda, “O grande remédio”. À direita, “O mártir”	55
Figura 27: Propaganda com dois indígenas amazonenses feridos.....	56
Figura 28: "Pouco importa que eu estrangulo este índio. O que eu quero é a nota!"	57
Figura 29: Ilustração Vovô Índio	58

Figura 30: À esquerda, capa da edição 237. À direita, capa da edição 270	60
Figura 31: "O Presidente Getúlio Vargas na Ilha do Bananal"	61
Figura 32: À esquerda, jovem indígena defumando borracha. À direita, outro no centro, trabalha no corte da borracha.....	62
Figura 33: Recorte da revista <i>O Malho</i> : representação do negro, indígena e português.....	63
Figura 34: Fantasias de indumentárias indígena americana	63
Figura 35: Caricatura de dois indígenas	64
Figura 36: "Outro 13 de Maio!"	67
Figura 37: "Cuidemos do mais necessário"	70
Figura 38: "Original sistema de tomar rapé, usados pelos índios do valle do Amazonas"	74

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Porcentagem da frequência temática de 1902 a 1953	66
Gráfico 2: Porcentagem da frequência temática de 1902 a 1953	69
Gráfico 3: Porcentagem da frequência temática de 1902 a 1953	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: 1902 a 1904	80
Tabela 2: 1905	81
Tabela 3: 1906	82
Tabela 4: 1907	82
Tabela 5: 1908	82
Tabela 6: 1909	83
Tabela 7: 1910	84
Tabela 8: 1911	84
Tabela 9: 1912	85
Tabela 10: 1913	86
Tabela 11: 1914	86
Tabela 12: 1915	87
Tabela 13: 1916 a 1918	87
Tabela 14: 1919 a 1920	88
Tabela 15: 1921 a 1930	88
Tabela 16: 1931 a 1932	90
Tabela 17: 1933	90
Tabela 18: 1934	92
Tabela 19: 1935	92
Tabela 20: 1936	93
Tabela 21: 1937 a 1939	93
Tabela 22: 1940 a 1942	94
Tabela 23: 1943 a 1946	95
Tabela 24: 1947 a 1949	95
Tabela 25: 1950 a 1951	96
Tabela 26: 1952 a 1953	97

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	EDITORIA S.A. <i>O MALHO</i> E A REVISTA <i>O MALHO</i>, 1902-1953.....	21
2.1	A Sociedade Anônima <i>O Malho</i>	23
2.2	A revista <i>O Malho</i>	31
3	POVOS INDÍGENAS N'<i>O MALHO</i>: MAPEAMENTO GERAL.....	43
3.1	Primeira fase (1902-1917):	43
3.2	Segunda fase (1918-1930):	53
3.3	Terceira fase (1931-1932):	57
3.4	Quarta fase (1933-1939):.....	58
3.5	Quinta fase (1940-1953):	60
4	PROPOSTA DE BALANÇO ANALÍTICO SOBRE A DISTRIBUIÇÃO DA TEMÁTICA INDÍGENA NA REVISTA <i>O MALHO</i>, 1902-1953	65
4.1	O indígena como símbolo nacional	65
4.2	O indígena e a educação para a civilização	68
4.3	O indígena como figura exótica.....	72
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
	FONTES	76
	REFERÊNCIAS	76
	APÊNDICE A – A RECORRÊNCIA DA TEMÁTICA INDÍGENA NA REVISTA <i>O MALHO</i> (1902-1953) EM TABELAS CRONOLÓGICAS	80

1 INTRODUÇÃO

No território indígena, o silêncio é sabedoria milenar, aprendemos com os mais velhos, a ouvir, mais do que falar. Neste fragmento poético de 1979, a escritora e professora indígena Márcia Kambeba reflete sobre a tradição de ouvir os saberes ancestrais, uma prática fundada na oralidade e na escuta. Contrariando a condição de ingenuidade e ignorância historicamente atribuída a essas sociedades pelo homem branco, os povos indígenas sempre compreenderam que a linguagem é lugar de poder. Para Baniwa (2023, p. 11), professor e filósofo indígena, a oralidade e a memória constituem “[...] poderosas ferramentas de continuidade desses saberes e fazeres ancestrais”, conectando a realidade atual aos princípios fundantes do mundo.

É justamente nessa relação de tensão entre língua e poder que Barthes (2017) situa a linguagem como campo político, espaço onde frequentemente se justifica a opressão. À primeira vista, pode parecer uma tarefa simples constatar os problemas estruturais relacionados a identidade dos “vencidos” sob a lógica da historiografia ocidental e de seu discurso sobre o “outro”. Mas, essa operação historiográfica é um labirinto cheio de surpresas que os documentos históricos podem nos apresentar (Certeau, 1982). O atravessamento do “outro” pela autoridade constitui também um circuito do olhar, no qual o ato de fazer-se ver torna-se um espelho. A aparente binariedade dos sentidos poderia sugerir que os “modos de ver” são heterogêneos, quando, na verdade, os pontos de vista são pré-constituídos (Berger, 2023).

A hierarquização desse olhar é uma das forças motrizes dessa pesquisa. Trata-se também de uma questão pessoal enquanto filho de mãe indígena da etnia Xukuru-Kariri e pai indígena da etnia Kayapó (Mebengokrê). Contudo, a justificativa deste estudo não se encerra na minha identidade, mas se ampara na compreensão de que nós, indígenas, enquanto sujeitos inseridos no campo da Educação, possuímos uma historicidade específica e diversa. A presente pesquisa dialoga também com a Lei nº 11.645/2008 que torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. Não somente, a categoria etnia é um dos componentes motivadores deste estudo, uma forma de garantir e fortalecer as múltiplas representações e sensibilidades presentes na história (Kreutz, 1997).

O percurso da pesquisa se desenvolveu por meio de interlocuções entre o presente e o passado, amadurecidas durante a graduação em História (2018-2023) e a pós-graduação em Educação (2024-2026). O contato com a história da imprensa ilustrada (Martins; Luca, 2012; Velloso, 2010, 2015) e a história com imagens (Knauss, 2006; Schwarcz, 2024) foi fundamental, assim como o diálogo com os estudos sobre etnia e educação nacional (Galvão;

Lopes, 2010; Souza, 2017; Kreutz, 1997). Quanto a História da Educação e sua relação com os impressos, foram consultados trabalhos essenciais para o campo (Campos e Guillier, 2024; Campos, 2012; Luca, 2012; Moreira; Galvão, 2022).

Nesse trajeto, o envolvimento em coletivos acadêmicos foi fundamental, a exemplo do Grupo de Estudos Interdisciplinares em História da Educação, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Raquel Discini de Campos (UFU), e do projeto Impressos que Educaram no Século XX: Janelas Interpretativas para as Culturas do Escrito, liderado pela Prof.^a Dr.^a Kênia Hilda Moreira (UFGD). A integração ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Arqueologia, Etnologia e História Indígena (GEPAEHI), sob a orientação do Prof. Dr. Marcel Mano (UFU), bem como ao ARANDU (História Indígena e Decolonialidade), coordenado pela Prof.^a Dr.^a Patricia Emanuelle Nascimento (UFU), também se mostrou de grande valia. Ademais, as disciplinas sobre mídias, gênero e imprensa infantil ministradas por minha orientadora também foram cruciais para a construção teórico-metodológica e para a definição do objeto desta pesquisa.

Foi no entrecruzamento dessas vertentes que surgiu a necessidade de investigar as representações dos povos indígenas na revista *O Malho*, recorte temático aqui proposto. A escolha deste periódico ocorreu enquanto folheava as edições da revista infantil *O Tico-Tico*, da mesma editora S.A. *O Malho*. A naquela ocasião, seus editores informavam que ela era a principal revista da empresa, motivo que procedeu sua análise na busca da recorrência da temática indígena.

O Malho foi um seminário ilustrado criado e produzido no Rio de Janeiro, que circulou em todo o país de 1902 a 1953. Seu escopo editorial formulado pela sátira política, humor, variedades e crônica social, abordavam acontecimentos políticos, culturais e de costumes por meio de charges, fotografias, caricaturas, textos e comentários, para um público amplo e diversificado. Sua relevância no mercado editorial foi tamanha, que chegou a alcançar em seus primeiros anos dezenas de milhares de exemplares por edição, se consolidando como um dos periódicos ilustrados de maior circulação no país no início do século XX.

A publicação também foi o carro chefe da editora por mais de 30 anos, razão de seu alcance e diálogo com diferentes estratos sociais de sua época; das elites urbanas e das classes médias letradas às camadas populares iletradas da primeira metade do século XX. Descrita como uma revista moderna por seus editores, possuía uma variedade de leitores ocasionais e assinantes mensais e anuais. Tais segmentos societários foram centrais nos embates discursivos sobre a identidade nacional e a modernização do país (Velloso, 2010; Cardoso, 2022). Por esse

motivo, a revista foi escolhida como objeto dessa pesquisa, pela premissa de que também operou como um “dispositivo informal”¹ escrito por não indígenas sobre os povos indígenas.

Seu exame também revelou os perigos dos constructos representacionais veiculados, cujas intenções editoriais, publicitárias, literárias e estéticas muitas vezes se sobrepujaram à historicidade e à própria realidade desses sujeitos. O arsenal verbo-visual do periódico (charges, caricaturas, fotorreportagens, artigos e crônicas) modulou o imaginário social, educando a percepção de seu público leitor e pautando o debate público em relação ao século XX. Cabe ressaltar que esse recorte temático é apenas uma fissura a ser contextualizada, visto que ainda há muito a se refletir em futuros estudos acerca das incidências de perspectivismo não indígena sobre os indígenas durante a trajetória do impresso.

Tamanha consideração é relevante porque houve intencionalidade editorial na seleção de assuntos, manifestos em conteúdos recreativos, moralizantes e noticiosos, que educavam os leitores sob uma perspectiva exótica, frequentemente associada a categorias morais de “selvageria”², lógica de representações discutidas por Lévi-Strauss (1989). Para o campo da História da Educação, o estudo se impõe com singular relevância: na condição de artefato cultural de vasta circulação, *O Malho* fomentou uma estratégia pedagógica informal. Segundo Lustosa (2003), nos tempos em que a educação formal não era acessível a todos, os intelectuais da imprensa acreditavam atuar como educadores.

Com efeito, a revista educava seu público sobre os povos indígenas sob o prisma do cômico e do estigma, através da alteridade e promovendo o apagamento ou a exclusão de suas identidades étnicas. Essa modalidade de imprensa ilustrada instrumentalizava o humor como vetor de expressão política e ideológica (Saliba, 2002; Bergson, 1983), convertendo a figura do indígena e suas mazelas sociais em objeto recreativo. Tal prática, além de divertir o leitorado com paródias, legitimava e perpetuava o pensamento das classes dominantes, evidenciando o problema das representações por aqueles que ocupam lugares de poder (Le Goff, 2003; Ginzburg, 2001). Isso afetava não apenas a representação indígena, mas também outros grupos subalternizados (camponeses, negros, mulheres, estrangeiros). Tratava-se de uma construção

¹ O termo “educação informal” foi empregado ao longo de toda a pesquisa, em razão da compreensão de que a revista *O Malho* constituiu um artefato com características pedagógicas informais. Essa observação está de acordo com o fato de que o periódico atuou na conformação de sensibilidades, valores e juízos morais, contribuindo para a formação da opinião pública fora do espaço escolar, no âmbito da imprensa. Como impresso de ampla circulação, foi um espaço formativo independente da instituição escolar, ensinando seus leitores a ver e interpretar os povos indígenas e suas culturas por meio de suportes editoriais também pedagógicos, como as caricaturas, charges, fotografias, notícias, fotorreportagens e textos literários, moldando o imaginário social a partir de representações indígenas produzidas por sujeitos não indígenas.

² Segundo Lévi-Strauss, existe uma lógica estruturada em todas as sociedades de associação do primitivo à noção de selvageria, formulada por meio de uma série de regimes simbólicos criados pelas sociedades ocidentais como forma de repudiar moralmente outras culturas, suas religiões, organizações sociais e estéticas.

baseada em uma perspectiva eurocêntrica que, conforme Certeau (1982), estabelecia a diferença como uma fronteira cultural de estranhamento.

Nesses termos, utilizar a revista *O Malho* como fonte constitui uma possibilidade para examinar de que maneira determinados segmentos do público urbano, letrados e iletrados da primeira metade do século XX, foram “educados” acerca das questões étnicas, identificando os instrumentos e dispositivos editoriais que possibilitaram a produção e circulação de categorias específicas de representação³ dos povos indígenas. Contudo, esse tipo de educação informal dependia da apropriação pelo leitor, o que nos leva a considerar a complexidade das práticas de leitura do século XX. Se “[...] o ato de ler não é uma categoria fixa e universal, mas está sempre implicado em condições sociais, culturais e temporais específicas” (Galvão; Batista, 1999, p. 30), a recepção do impresso envolvia um pacto de leitura verbo-visual, a interpretação de códigos simbólicos que reforçavam estigmas raciais, proporcionando uma distorção estética do indígena, uma vez que as “imagens nada têm de inocentes” (Schwarcz, 2024, p. 21).

Os recursos visuais de humor são elementos-chave para analisar essa representação, inserindo-se no processo de modernização da imprensa e da produção humorística brasileira (Saliba, 2002). No contexto do século XX, observou-se uma profusão de revistas ilustradas impulsionada pelo avanço tecnológico que viabilizou a circulação em massa. A expansão desse mercado esteve ligada ao aumento do público consumidor, levando os periódicos a alinharem seu conteúdo às expectativas de seus leitores.

Diante desse cenário, emergem a pergunta central desta pesquisa: De que maneira a cultura escrita e visual criou formas de olhar para os povos indígenas em *O Malho* na primeira metade do século XX? Essa questão se ampara no pensamento de Certeau (1982), que vê a análise dos “problemas de sentido” como janela para compreensão da construção de significados na história, e de Prost (2008, p. 75), para quem: “[...] não existem fatos, nem história, sem um questionamento”. Nos objetivos específicos, o primeiro foi contextualizar a trajetória editorial da revista *O Malho* e seu papel pedagógico que permitiu sua atuação como um dispositivo de “educação informal” e “educação do olhar”. O segundo foi analisar criticamente as categorias de representação forjadas pelo impresso, interpretando os dados e discursos predominantes.

Quanto ao objetivo principal deste estudo, consistiu empreender um mapeamento sistemático do conteúdo direto e indireto sobre os povos indígenas na revista *O Malho*. Para

³ Para Hall (2016), a representação apresenta-se também no âmbito da linguagem, criando circuitos culturais dotados de significados. Dessa forma, essas categorias de representação envolvem o uso de signos, imagens e textos com determinadas pretensões, apropriadas àqueles que os produzem. Por outro lado, Chartier (2002) denomina algumas categorias de representação como apropriações culturais, uma vez que são diferenciadas pela interpretação, a partir de determinações sociais, práticas culturais, hierarquias e divisões sociais.

tanto, foi catalogado a frequência das publicações verbo-visuais ao longo das décadas (Apêndice A) em tabelas cronológicas, visando identificar as categorias analíticas de maior incidência no *corpus* documental. Esta pesquisa alinha-se a uma vertente da História da Educação que busca conferir visibilidade a sujeitos historicamente marginalizados e silenciados (Galvão; Lopes, 2010), abordagem fundamental diante da escassez de estudos sobre etnia e educação, como chamam atenção Kreutz (1997) e Souza (2017).

No plano teórico-metodológico, considerou-se a heterogeneidade da imprensa (Luca, 2006) o que inviabiliza a aplicação de um método único, uma vez que esses impressos são fontes privilegiadas de educação não formal (Campos, 2023), concepção que estabelece uma interlocução com literaturas consolidadas (Luca, 2006; Campos, 2012; Galvão; Lopes, 2010). A análise abarcou não só o conteúdo, mas parcialmente a materialidade do impresso de forma comparativa com outros periódicos que eram produzidos na mesma gráfica, como a revista *O Tico-Tico* (Gonçalves, 2019; Rosa, 2002), visto que as edições desta pesquisa foram acessadas digitalmente, devido à impossibilidade logística de consulta presencial aos acervos físicos (Biblioteca Nacional e Biblioteca Brasiliiana Guita e José Mindlin) em razão das políticas de preservação de periódicos raros e frágeis, que priorizam o acesso virtual (Hemeroteca Digital).

Definido o suporte de acesso, a primeira etapa consistiu no levantamento de todos os exemplares desde 1902 a 1953 (período de circulação da revista), seguido da catalogação da análise discursiva, com o objetivo de mapear o conteúdo relacionado aos povos indígenas em tabelas separadas por ano de publicação e eixos temáticos. Essa organização permitiu compreender as estratégias editoriais utilizadas durante a trajetória da revista. A fim de compreender este percurso investigativo e responder à questão proposta, a dissertação foi estruturada em três seções que partem desde a história e perfil editorial do veículo para o mapeamento de seus discursos verbo-visuais de “educação informal” que resultou nas três categorias de análise com maior ênfase sobre o tema: o indígena como símbolo nacional, como figura exótica e educado para a civilização.

A seção “Editora S.A. *O Malho* e a revista *O Malho*, 1902-1953”, discorre-se sobre a trajetória da revista e da gráfica como agentes de modernização cultural e debate público. O texto oferece um panorama necessário para compreender as origens desse modelo de imprensa empresarial-capitalista, sua difusão, modernidade e a função da crítica sociopolítica na cultura nacional.

Em “Povos indígenas n’*O Malho*: mapeamento geral”, dedica-se à cartografia documental. Apresenta-se a catalogação da temática indígena ao longo dos 52 anos de circulação da revista, sustentada por uma análise rigorosa das 2.099 edições disponíveis na Hemeroteca Digital. Este capítulo funciona como uma base que sustenta a pesquisa,

demonstrando a extensão e a variedade da presença indígena no periódico através de dados e a frequência nas diferentes fases da revista.

Por fim, na “Proposta de balanço analítico sobre a distribuição da temática indígena na revista *O Malho*, 1902-1953”, a seção discute a partir do mapeamento realizado, as três categorias de análise observadas como estratégias pedagógicas informais: o indígena como símbolo nacional, o indígena e a educação para a civilização e o indígena como figura exótica. Tais categorias demonstram de que maneiras o periódico construiu imaginários sobre esses povos, instrumentalizado tanto para a sátira política quanto para legitimar projetos de tutela, oscilando entre a exaltação mítica e a subalternização.

2 EDITORA S.A. *O MALHO* E A REVISTA *O MALHO*, 1902-1953

Com a chegada do século XX, o país testemunhou a consolidação da imprensa ilustrada, impulsionada por expressivas inovações gráficas e reestruturações econômicas. Esse contexto, conforme aponta Sevcenko (2001), caracterizou-se pela expansão do saber técnico, tendência que se materializou sob o novo padrão industrial. O surgimento de novos impressos, considerados "modernos", resultava da circulação de ideias entre intelectuais e o emergente setor industrial, marcando o distanciamento da fase artesanal da imprensa (Eleutério, 2012). Em meio a transformações políticas e urbanas, a transição para essa estrutura de massa não foi por acaso; segundo Sodré (1966), ela respondeu às condições favoráveis de um mercado que projetava nesses veículos os ideais de civilização e modernidade (Velloso, 2015; Cardoso, 2022).

Diante dos processos de modernização⁴ e da efervescência cultural urbana, a imprensa ilustrada consolidou-se como um espaço de lazer, formação de opinião e vitrine de novos estilos de vida, ao contrário de outras inovações tecnológicas do início do século, muitas vezes recebidas com desconfiança: novos aviões, carros e o avanço de máquinas (Costa; Schwarcz, 2000). As revistas se estabeleceram rapidamente como projeções do moderno, êxito aliado à nova configuração empresarial do século XX, que permitia a tais publicações diversificar seus conteúdos e impulsionar a segmentação do mercado editorial (Lopes, 2019).

As revistas ilustradas desde o Império, já haviam alcançado popularidade em uma condição social peculiar: um país majoritariamente analfabeto, imerso em um contexto social de letramento limitado, presença significativa da população escravizada e recente mercado (Martins, 2012). O cenário foi propício à difusão da imagem na imprensa e à consolidação das revistas ilustradas como suporte de uma linguagem visual de massa. Isso corrobora que a função da imagem não é apenas ilustrar, uma vez que elas nos educam através do olhar, ato que não é neutro. A repetição por exemplo de certos tipos visuais consolida um repertório imagético que forma o olhar do leitor, através de um regime de visualidades pelo processo democrático da informação, na qual o registro visual se caracteriza como expressão da diversidade social (Berger, 2023; Knauss, 2006).

⁴ O conceito de modernização ou modernidade utilizado nesta pesquisa refere-se à experiência nacional de modernização cultural a partir do século XX, mesmo que tal processo histórico represente um período “disperso e diverso” (Cardoso, 2022). Por meio da assimilação de tendências culturais e artísticas da Europa, a modernidade brasileira obteve valorização a partir de elementos da chamada “cultura marginal” (Velloso, 2015). Nessa linha de investigação, a modernidade está relacionada às revistas ilustradas. Esses importantes objetos da cultura popular eram tidos como modernos, pois constituíam espaços diversificados de debate público, de costumes sociais, de tendências culturais, de linguagens visuais e, sobretudo, de educação.

Enquanto a palavra escrita impunha barreiras à população não letrada, o traço visual oferecia uma porta de entrada para a compreensão dos dilemas do cotidiano, da política e da cultura, mesmo em um período, início do século XX, em que os índices de analfabetismo giravam “[...] em torno de 75%, em relação às pessoas de todas as idades, e de 65% se computadas apenas aquelas com mais de 15 anos” (Rosa, 2002, p. 13).

Foi precisamente por sua característica visual que as revistas ilustradas se destacaram, sobretudo as do gênero cômico. A influência desses periódicos transcendia a literatura formal, pois, ao utilizarem o humor e a sátira visual, projetavam o cotidiano, criticavam as diferentes instâncias do poder público e traduziam complexas questões sociais por meio de uma linguagem gráfica de impacto imediato. A caricatura assim, operava como um instrumento de linguagem popular, permitindo a inclusão de um público vasto que, mesmo excluído da cultura letrada, passava a integrar a esfera da opinião pública através do consumo visual (Martins, 2012). Para sustentar a massificação dessa cultura visual e garantir sua qualidade técnica, foi preciso a consolidação de uma base industrial.

Parte desse processo de crescimento e especialização envolvia investimentos robustos e estratégias editoriais competitivas por parte de grandes companhias gráficas. Cabia a elas garantir a existência dos impressos, constituindo-se na principal fonte de recursos econômicos do setor. Assim, emergiu uma das mais importantes casas editoriais do período: a Sociedade Anônima *O Malho*. Sua formação ocorreu em uma fase na qual o setor gráfico atingia uma nova dimensão e alto nível de desenvolvimento técnico (Sodré, 1966; Lopes, 2019). Fundada por figuras politicamente influentes, como o deputado Luiz Bartholomeu de Souza e Silva (1864-1932)⁵ e o senador Antônio Francisco Azeredo (1861-1936)⁶, a companhia captou o espírito do mercado editorial, tornando-se um modelo de inovação e sucesso empresarial.

⁵ Jornalista e empresário, atuou na redação de importantes periódicos da imprensa brasileira, como *O País* e *O Tempo*. Em razão de sua trajetória no campo jornalístico, obteve destaque como um dos responsáveis pela difusão da mídia visual e de entretenimento no início do século XX. Foi também o criador da primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos voltada ao público infantil, *O Tico-Tico*, bem como de seu desdobramento editorial, o *Almanaque d'O Tico-Tico*. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SILVA,%20Bartolomeu%20Sousa%20e.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2025.

⁶ Além de sua intensa atuação política ao longo da Primeira República, destacou-se como empresário e trabalhos na imprensa, tendo fundado os jornais *Gazeta da Tarde* e *Diário de Notícias*, além de exercer a direção de *A Tribuna* e colaborar com outros periódicos de circulação nacional. Sua trajetória pública teve início ainda no final do Império, quando se vinculou às campanhas republicana e abolicionista, que o tornou após 1889, uma das principais lideranças políticas de Mato Grosso no cenário federal. Esteve envolvido em muitas discussões acerca das crises governamentais, das disputas oligárquicas e dos debates institucionais da República, articulando sua atuação parlamentar com o uso estratégico da imprensa como instrumento de intervenção política. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/AZEREDO,%20Ant%C3%B4nio.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2025.

2.1 A Sociedade Anônima *O Malho*

Para compreender a trajetória da Sociedade Anônima *O Malho* e sua relevância na cena nacional, é indispensável analisar brevemente a contribuição de seus fundadores, figuras que tiveram um papel importante entre a política republicana e o mercado editorial. A relevância dessa liderança foi celebrada na revista *O Malho* que, por meio da edição nº 575, publicada em 20 de setembro de 1913, dedicou uma homenagem a Luiz Bartholomeu de Souza e Silva sob o título “O deputado Luiz Bartholomeu”. O texto descrevia o gerente da S.A. *O Malho* como um cidadão republicano exemplar que, arriscando-se pelo jornalismo, edificou uma “[...] empresa poderosa, padrão notabilíssimo de uma tenacidade, aliada a um espírito infatigável, progressista e clarividente” (*O Malho*, 20/09/1913, p. 11). Esse registro mostra como o ofício na política e a capacidade administrativa de Bartholomeu era fundamental para a sustentação e expansão da editora.

O destaque ao artigo exemplifica que, desde o início, a trajetória da S.A. *O Malho* foi marcada por uma visão estratégica, centrada na diversificação de seu portfólio e na construção de um conglomerado editorial capaz de atender a múltiplos públicos e regiões. A década de 1910, em particular, foi crucial para a consolidação desse projeto. A empresa iniciou o período com o aumento da variedade de materiais impressos e a expansão de suas atividades (Gonçalves, 2020). Prova disso foram as recorrentes publicações nos anos seguintes, que celebravam a presença da empresa em outras regiões do país, como a inauguração de uma filial no Espírito Santo, no município de Cachoeiro do Itapemirim, em 1914. O evento resultou em uma grande festividade para as famílias da alta sociedade local, segundo noticiado (*O Malho*, nº 592. Anno 13, 17/01/1914, p. 25).

A expansão do negócio para além de sua sede na Capital Federal decorria do crescente número de vendas da sua popular revista de humor e sátira política *O Malho*, bem como da comercialização de outras publicações estratégicas. Entre elas, destacavam-se a pioneira revista infantil *O Tico-Tico*, a literária *Leitura Para Todos* e a sofisticada *Ilustração Brasileira*, além dos populares almanaque anuais d'*O Malho* e d'*O Tico-Tico* (Rosa, 2002; Gonçalves, 2019; Sodré, 1966). Isso garantiu a progressiva ampliação da editora no mercado nacional, gerando demanda por mais mão de obra, o que revela uma contradição peculiar à modernidade da época: a dependência do trabalho infantil para a circulação de seus produtos. A fotografia de 1907 (Figura 1), registrada em Santos, no litoral de São Paulo, ilustra essa realidade:

Figura 1: “Um grupo de vendedores d’*O Malho*, em Santos”⁷



Fonte: *O Malho*, nº 235. Anno 6, 16/03/1907, p. 31. Hemeroteca Digital Brasileira.

A prática de utilizar crianças como vendedoras não se restringiu à região de Santos. A distribuição dos exemplares dependia dessa força de trabalho até no Nordeste do país. Desde o pós-abolição, o trânsito de crianças no mundo do trabalho também era frequente no Ceará, especificamente na capital Fortaleza, fato constantemente noticiado pela imprensa local (Rodrigues, 2022). A fotografia de 1913 (Figura 2) é um exemplo; a imagem demonstra como os serviços prestados pelos menores na venda dos impressos eram motivo de simpatia para o escopo da revista, uma visão paternalista das elites da época, a ponto de merecerem registros fotográficos:

Figura 2: “Os vendedores de revistas que constituem a Agência de Revistas Nacionais, no Ceará, e onde se encontram todas as publicações da Sociedade Anônima *O Malho*”



⁷ Para a legenda da fotografia, foi publicado: “Eis porque em cada cidade importante há uma plêiade destes famosos e pequenos vendedores que atordoam os ouvidos do próximo com seus agudos pregões: *O Malho!* *O Malho!* *O Malho!*”

Fonte: *O Malho*, nº 575. Anno 12, 20/09/1913, p. 48. Hemeroteca Digital Brasileira.

Seguindo no projeto de ampliação do portfólio, a criação da revista *Ilustração Brasileira*, em 1909, figura como um exemplo de periódico destinado a um nicho social distintivo. Ao replicar o modelo de êxito comercial de seu outro impresso, o *Leitura Para Todos*, cujo investimento representava um "grande salto para a editora em termos de risco", a empresa justificava aos seus leitores as características editoriais da *Ilustração*, anunciando o produto com antecedência em seu conjunto de publicações, inclusive n'*O Malho*:

Mas é claro que a organização de uma revista desse gênero em edição de luxo, com um serviço muito completo de informações internacionais, arte e literatura, vida social, música e ciências, não pode ser feita sem grandes esforços, mormente tratando-se de fazer coisa absolutamente nova no Brasil (*O Malho*, nº 338. Anno 8, 06/03/1909, p. 21).

A nota veiculada revelava a intenção de criar um periódico referenciado em modelos editoriais estrangeiros, "[...] feita nos moldes da revista *Illustration* de Paris e da *The Graphic* de Londres" (Lopes, 2019, pp. 67-68). Essa inspiração europeia demonstrava não apenas sintonia com as tendências internacionais, mas também o objetivo claro de oferecer ao público brasileiro um produto de alta qualidade gráfica e de cultura, equiparado ao que havia de mais moderno no cenário global (Velloso, 2010; 2015; Cardoso, 2022).

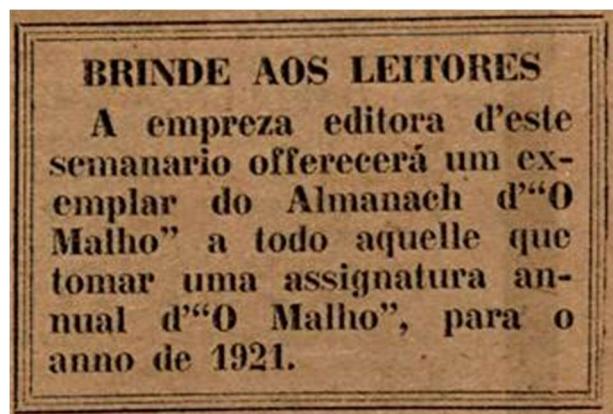
Sobre isso, Rosa (2002, p. 37) também afirma que a companhia investiu maciçamente "[...] na racionalização e no melhor aproveitamento dos seus recursos técnicos, materiais e humanos". Outra vertente da ampliação empresarial era a constante "renovação e a atualização de equipamentos", permitindo melhorias na impressão colorida e na nitidez gráfica. Esses avanços buscavam evitar o encarecimento do produto final, garantindo ampla circulação e penetração em diferentes camadas sociais, com o intuito de torná-los populares e lucrativos.

Contudo, o obstinado trabalho de seus proprietários em difundir os impressos por várias regiões do país não deixou de apresentar riscos, a exemplo das falsificações. Em setembro de 1914, um leitor paulista escreveu à redação d'*O Malho*, na seção "Caixa do *Malho*", para denunciar um golpe do qual fora vítima, envolvendo a compra de um impresso semelhante àquele periódico. A revista respondeu em tom de desconfiança, afirmando que o dito impresso "talvez nem exista", e recomendou que o caso fosse levado à polícia, embora reconhecesse a recorrência de tais fraudes: "São muitas as explorações feitas no interior de todo o Brasil com o uso criminoso do título do nosso semanário... Se estivéssemos noutro país, esses crimes teriam imediata repressão da autoridade pública" (*O Malho*, nº 625. Anno 8, 05/09/1914, p. 11).

Mesmo diante desses problemas e de outros, como o caso de fotógrafos impostores que se passavam por funcionários para receber gratificações (*O Malho*, nº 1.296. Anno 24, 16/07/1927, p. 57), a empresa desenvolveu uma sofisticada estratégia de fidelização ao promover de forma contínua a adesão por meio da assinatura de suas publicações, especialmente até a década de 1920 (Rosa, 2002). Outra tática recorrente era a promoção cruzada, na qual a empresa oferecia assinaturas de suas outras revistas como prêmios em concursos, induzindo o leitor de um impresso a conhecer e comprar outras publicações da empresa. A tática funcionou por anos, transformando leitores ocasionais em um público regular, o que fortaleceu o empreendimento e os múltiplos títulos da editora.

Outro método de fidelização foi a oferta de almanaque como brindes para os leitores que optassem pela assinatura anual. A Figura 3, um anúncio publicado em fevereiro de 1921 n'*O Malho*, exemplifica como essas estratégias comerciais foram decisivas para a manutenção do império empresarial construído ao longo de décadas. A importância desse modelo de relação comercial com a clientela garantia a continuidade e a estabilidade do negócio.

Figura 3: Recorte da revista *O Malho*: “Brinde aos leitores”



Fonte: *O Malho*, nº 961. Anno 20, 12/02/1921, p. 5. Hemeroteca Digital Brasileira.

Quanto à gestão, a empresa desenvolveu uma administração otimizada. A S.A. *O Malho* cultivou um corpo de colaboradores talentosos que atuavam de forma integrada. Essa estrutura era baseada em uma classe de empregados com múltiplas funções, antecipando uma lógica de flexibilidade laboral para desburocratizar os setores da editora (Rosa, 2002). Assim, grande parte dos colaboradores contribuía, em maior ou menor escala, em todas as publicações da firma, fosse escrevendo, ilustrando, adaptando conteúdo ou orientando novos talentos. Essa prática visava não só à redução de custos, mas também à otimização da produção, criando uma identidade visual e editorial coesa entre os diferentes títulos do grupo.

Apenas um ano após o surgimento oficial da editora, em 1910, o empreendimento já se consolidava como uma das empresas jornalísticas mais sólidas do país, com mais de trezentos funcionários e uma estrutura organizacional que incluía até mesmo uma associação de amparo às famílias de empregados falecidos (Rosa, 2002). Num período em que a imprensa atravessava constantes transformações, a Sociedade Anônima *O Malho* se integrava às novas tendências tecnológicas, adquirindo máquinas de composição mecânica, clichês em zinco e rotativas velozes, reflexo da revolução industrial nas principais capitais brasileiras (Luca, 2012).

Após 1910, a empresa se manteve estável num período marcado por acirrados debates entre grupos políticos na imprensa periódica. Tais eventos repercutiam em suas revistas, explicando o crescente número de novas impressões devido ao fluxo de novos leitores, razão pela qual, alguns anos depois, a editora afirmava ser a principal editora do país (*O Malho*, nº 1.053. Anno 21, 18/11/1922, p. 3). Mesmo passados 20 anos do início do século, não faltaram novidades para o mercado gráfico, e a estabilidade da S.A. *O Malho* atestava sua hegemonia no cenário nacional. O mérito ficou evidente em 1918, com a união da Sociedade Anônima *O Malho* à tradicional gráfica Pimenta de Mello & Cia (Lopes, 2019; Gonçalves, 2019).

Sob a liderança de José Pimenta de Mello, o novo conglomerado passou a dominar o mercado de revistas, principalmente ao adicionar ao seu portfólio títulos de grande impacto, como a revista *Para Todos* e a pioneira sobre cinema, *Cinearte*, lançada em 1926 (Cardoso, 2022; Lopes, 2019). Já o trabalho dentro das oficinas da nova gráfica para as impressões de todas as publicações da S.A. *O Malho* era descrita pela própria editora com prestígio, dado a importância da empresa Pimenta de Mello & Cia – renomada desde 1845 – para o futuro dos negócios (Hallewell, 2017).

A constatação dessa positiva parceria foi publicada em um artigo de 1922 n'*O Malho* (Figura 4), que noticiava a visita de figuras políticas republicanas – o Ministro do Interior e Justiça e o Procurador-Geral da República – às suas instalações:

Iniciada a visita pela seção de impressão litográfica, percorreram os ilustres visitantes todas as outras seções da grande instalação, testemunhando o intenso trabalho de cada uma e admirando não só o engenho e a delicadeza de alguns maquinismos, como ainda a habilidade profissional de muitos operários, entre centenas deles, de ambos os sexos, que ali ganham honradamente sua vida (*O Malho*, nº 1093. Anno 22, 01/09/1923, p. 26).

A visita de autoridades às oficinas não foi obra do acaso. No ano anterior, a empresa participara da Exposição Internacional do Centenário da Independência⁸ e recebera o "[...]

⁸ O site do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) possui um verbete intitulado "Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil", que mostra um breve panorama histórico sobre os acontecimentos da exposição ocorrida de 7 de setembro de 1922 a 24 de julho do ano seguinte,

Grande Prêmio como a maior empresa editora do Brasil" pelo conjunto de suas publicações (Rosa, 2002, p. 56). Ao longo da década de 1920, a empresa alcançou o feito de internacionalizar o empreendimento, expandindo suas publicações para países da América Latina, resultado de sua relevância e notoriedade no mercado externo. Em junho de 1927, foi publicado um artigo "Grandes Excursões a Portugal" (*O Malho*, nº 1.290. Anno, 26, 04/06/1927, p. 15), comemorando o sucesso de dois anos de sua filial na Europa. O texto buscava promover excursões a Portugal, a quem chamava de "irmão" e "grande amigo do Brasil", oferecendo mais um serviço *premium* aos leitores.

Figura 4: "*O Malho* na exposição"



Fonte: *O Malho*, nº 1.053. Anno 21, 18/11/1922, p. 39. Hemeroteca Digital Brasileira.

Apesar dos louros pela expansão, a empresa chamou atenção nos primeiros meses da década de 1930 ao relatar uma série de problemas relacionados a extravios de seus impressos, inconveniente que se intensificara nos anos anteriores. A S.A. *O Malho* acusava os Correios da República de "anarquia". O fato gerou grave preocupação, levando os editores a não pouparam críticas, relacionando a incompetência da diretoria dos Correios a motivações ideológicas. Os extravios impactavam diretamente as vendas em todo o país. Para a crítica, o periódico refletia: "[...] pelo número de assinantes que vai diminuindo à proporção que vão desaparecendo do

na cidade do Rio de Janeiro. O grande evento recebeu bastante atenção da imprensa, já que a celebração era um exemplo das "vitrines do progresso", nas quais foram apresentadas atividades e projetos associados à civilidade, à modernidade, à tecnologia e à urbanização. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbetes/exposicao-internacional-do-centenario-da-independencia-do-brasil>.

espírito do povo os últimos resquícios de confiança no Correio” (*O Malho*, nº 1.438. Anno, 29, 05/04/1930, p. 14).

Mas os entraves logísticos não paralisaram os trabalhos; a resposta da empresa foi intensificar a produção. Segundo a editora, o compromisso com a literatura brasileira e com suas legiões de leitores era uma questão de defesa da nacionalidade. Alguns meses antes do golpe que instauraria o regime varguista, em novembro de 1930 — evento que implicaria profundas mudanças na imprensa, como o desaparecimento de periódicos e alterações editoriais (Luca, 2012) —, a empresa declarou: “As revistas da Sociedade Anônima *O Malho*, publicações nacionais de maior tiragem e difusão no território brasileiro, jamais têm deixado de amparar os passos da juventude literária, animando-a para o futuro, recompensando-a” (*O Malho*, nº 1.450. Anno, 29, 28/06/1930, p. 56).

Entretanto, imersa nos primeiros momentos da Revolução de 1930, a editora vivenciou um episódio emblemático da conturbada ascensão de Getúlio Vargas, o incêndio de sua redação em outubro daquele ano, retaliação por sua postura crítica e satírica à candidatura de Vargas e à Aliança Liberal. Naquele momento, as publicações da lucrativa e carro-chefe revista *O Malho*, foram suspensas até 1931 (Lima, 1963; Rosa, 2002; Gonçalves, 2019). O episódio foi determinante para que a empresa reformulasse o conteúdo político de seus impressos, optando por um perfil mais voltado ao entretenimento e a variedades como estratégia de sobrevivência. *O Malho*, por exemplo, retornou à circulação com mudanças editoriais e esvaziado de seu teor político combativo (Rosa, 2002).

Após essa experiência, o empreendimento manteve suas publicações com certa regularidade, acompanhando as turbulências de sua época. Em um cenário de instabilidade econômica e extremismo político global, as revistas da casa buscavam oferecer temáticas diversificadas, tanto brasileiras quanto internacionais. Em 1933 por exemplo, a revista *O Malho* passou a destacar com frequência o vasto catálogo da empresa: *Moda e Bordado, Arte de Bordar, Cinearte, Ilustração Brasileira, Almanach d'O Malho, Almanach d'O Tico-Tico, Annuario das Senhoras, Leituras Para Todos, Cinearte Album e O Tico-Tico*, sem contar os demais impressos ocasionais (Figura 5):

Figura 5: Conjunto de publicações da Sociedade Anônima *O Malho* em 1933



Fonte: *O Malho*, nº 15. Anno 32, 11/09/1933, p. 6. Hemeroteca Digital Brasileira.

Na transição da década de 1930 para a de 1940, a S.A. *O Malho* “[...] parecia ter encontrado dificuldades em manter o padrão de crescimento que apresentara até a década anterior” (Gonçalves, 2020). As baixas eram evidentes: a revista *Cinearte*, desde 1935, havia reduzido sua periodicidade pela metade. A redução afetou também o semanário *O Malho*, que iniciou 1940 com edições mensais. Outro importante periódico, o suplemento infantil *O Tico-Tico* que deixou de circular semanalmente, passando para quinzenal e, dois anos depois, mensal.

Esse cenário de declínio acentuou-se gradativamente até pouco depois da segunda metade do século XX, quando as revistas deixaram de circular. A empresa, nascida da visão de políticos empreendedores, soube refletir, ao longo de sua existência, as demandas de uma sociedade em transformação através de um modelo de negócio robusto. Por meio de uma estratégia contínua de diversificação, tecnologia, marketing e gestão integrada, a S.A *O Malho* não apenas lançou algumas das publicações mais ilustres do período, como estabeleceu os padrões de uma indústria cultural no Brasil.

2.2 A revista *O Malho*

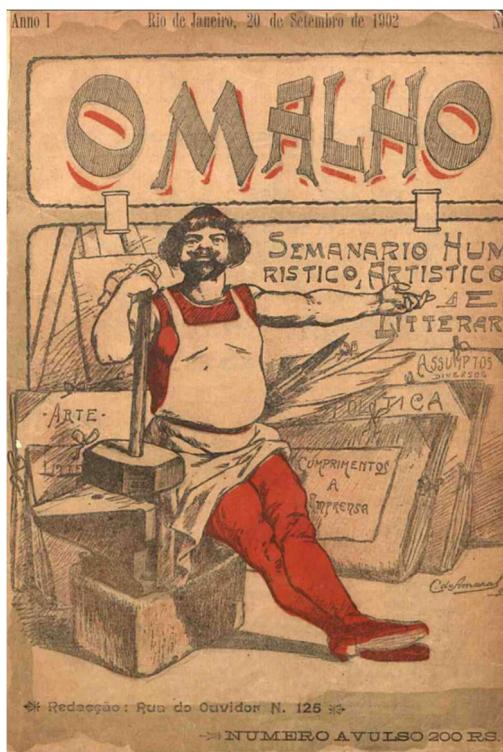
No conjunto das revistas ilustradas produzidas no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX e que alcançaram circulação nacional, *O Malho* (1902–1953) ocupou um lugar de destaque. Inserido em uma imprensa que se afirmava como espaço de informação, entretenimento e crítica política, o periódico integrou um tempo, segundo Costa e Schwarcz (2000), marcado pela euforia em torno do novo regime republicano e pela reorganização das bases econômicas do país. O Rio de Janeiro tornou-se nas primeiras décadas do século XX, o principal centro da imprensa ilustrada brasileira (Saliba, 2002), caracterizada por sua capacidade de adaptação às transformações técnicas e pela longevidade de seus títulos.

Fundada em 20 de setembro de 1902, a revista obteve proeminência nesse cenário e, ao longo de sua trajetória, passou a dialogar com outros importantes periódicos ilustrados que surgiram posteriormente, como a *Revista da Semana* (1900), *Kósmos* (1904), *Fon-Fon!* (1907) e *Careta* (1908). Em conjunto, essas publicações contribuíram para a renovação da imprensa ilustrada nacional ao ampliar o uso da cor, experimentar novos formatos de diagramação e empregar papel de melhor qualidade.

Nesse universo editorial, destaca-se a caricatura e seu papel central na cultura visual do período, sendo frequentemente concebida como a "grande arte brasileira" (Porto, 2012). A valorização da caricatura, conforme observa Saliba (2002), também operou como uma forma particular de representação histórica das sociedades, recorrente nas publicações dessas revistas, nas quais o humor gráfico refletia discussões políticas, críticas sociais e vida urbana.

No caso específico d'*O Malho*, a caricatura foi um elemento gráfico estruturante desde sua fundação. Por essa razão, o periódico foi inicialmente apresentado por sua editora com o objetivo de ser um semanário humorístico, literário e artístico (Figura 6), concepção que marcou sua primeira fase de circulação, entre 1902 e 1918. No entanto, o impresso foi inaugurado tecendo críticas políticas e satíricas, atuando como "porta-voz" da opinião pública, segundo seus editores. O próprio título dava a tônica de sua identidade editorial: "malhar" (*O Malho*) a estrutura de poder do regime republicano como forma de combate à corrupção, ao controle das finanças públicas e à "politicagem".

Figura 6: Capa da primeira edição d'*O Malho* - “Semanario humoristico, artístico e litterario”



Fonte: *O Malho*, nº 1. Anno 1, 20/09/1902, p. 1. Hemeroteca Digital Brasileira.

Com a sede situada na Rua do Ouvidor, o epicentro da vida jornalística e intelectual daquele século, conforme aponta Rosa (2002), o projeto gráfico e a direção artística ficaram a cargo de Crispim do Amaral, renomado caricaturista recém-chegado da França. Ao seu lado figuravam outros grandes nomes, como Raul Pederneiras e Calixto Cordeiro, que desde o início estabeleceram um elevado padrão de qualidade visual (Gonçalves, 2019). A localização era estratégica, uma vez que o endereço aglutinava um polo cultural diversificado, servindo à produção de outros impressos e garantindo acesso privilegiado à informação e ao trânsito de ideias, conectando os intelectuais aos bastidores da República.

Desde meados de 1904, a revista utilizou a crítica política para compor suas páginas, tornando-se "a maior força política de combate" de sua época (Lima, 1963, p. 144). Essa característica no impresso se dava por meio de uma linguagem irônica e de sátiras, sobretudo de caricaturas que evidenciavam os problemas sociopolíticos republicanos. No bojo das representações que compunham as inúmeras ilustrações de humor, presidentes, ministros, senadores e as oligarquias estaduais eram alvos constantes de traços e textos que denunciavam a corrupção, as fraudes eleitorais e as assimetrias de poder.

Como modelo de negócio, a revista estreou no formato padrão dos demais impressos de sua época: com 23 cm de largura por 30 cm de altura, com média de 30 páginas, medidas compartilhadas por outras edições da editora S.A. *O Malho*. Para compor sua receita, o custo

inicial foi estipulado em \$200 réis por edição, com opção de assinatura semestral no valor de 6\$000 réis para a capital e 8\$000 réis para os estados.

Os valores avulsos e de assinatura pré-definidos não representaram entraves logísticos aos leitores; em termos comerciais, as vendagens superaram as expectativas. O volume de vendas, inclusive, gerou especulações de preço. Ao comemorar o êxito do primeiro lote, a revista alertou o público sobre o comércio irregular de publicações avulsas em locais não autorizados, onde chegavam a ser vendidas por \$400, 500 e até 1000 réis: “Não somos responsáveis pelo abuso, como pensar em algumas pobres bigornas sem cotação. *O Malho* custa 200 réis só!” (*O Malho*, nº 2. Anno 1, 27/09/1902, p. 4).

Outra questão que merece atenção é a materialidade do impresso. Em 1902, a revista começou a ser publicada com a limitação gráfica de três cores: vermelho, laranja e verde. Outros periódicos do mesmo período, como *Fon-Fon!* e *Tagarela*, também seguiam essa restrição cromática, que poderia incluir o amarelo, mas no limite de três tons. Do ponto de vista gráfico, *O Malho* só passou a incorporar novas paletas de cores a partir da primeira edição de 1906, vinculadas à publicidade do Sabonete de Reuter no final de suas páginas (Figura 7):

Figura 7: Propagandas com novas paletas de cores, 1906



Fonte: *O Malho*, nº 173. Anno 5, 07/01/1906, p. 26 e edição nº 174, Anno 5, 13/01/1906, p. 56.
Hemeroteca Digital Brasileira.

O esperado efeito da policromia só foi possível com a adoção das rotativas Marinoni⁹, realizada no ano anterior, em 1905. O uso dessa nova tecnologia permitiu maior liberdade artística, um marco na modernização da impressão: maior tiragem, qualidade gráfica, mecanização, paleta de cores e segmentação de público (Gonçalves, 2019).

Esse avanço tecnológico contribuiu para a expansão d'*O Malho* no mercado editorial e dialogou com o movimento mais amplo de renovação da imprensa ilustrada, marcado pela ampliação do uso da cor, pela modernização gráfica e pelo refinamento da diagramação. Ao longo de sua trajetória, o periódico construiu a capacidade de intervenção no debate público, especialmente no que se refere à crítica política, o que lhe posicionou como referência no cenário nacional. Lima (1963, p. 146) observa que, em termos de influência pública e política, a revista foi o único impresso da República a retomar "os grandes tempos de suas congêneres do Segundo Reinado", como a *Revista Illustrada*, de Agostini. Desde seus primeiros anos de circulação, *O Malho* estruturou um *corpus* editorial amplo e diversificado, notadamente em sua posição crítica frente à agenda política nacional.

Essa forte inclinação política é perceptível ao longo do seu exame, seja nas crônicas, notícias ou charges, articulando diálogos que ora garantiam maior proximidade com figuras políticas específicas (tidas como bons republicanos), ora transformavam os menos efetivos, por meio do humor satírico, em figuras caricatas.

Durante o governo de Rodrigues Alves (1902–1906), por exemplo, o presidente foi tema de quase todas as capas d'*O Malho* em 1904, ano em que ainda vigorava a reforma urbana de Pereira Passos (1902–1906) na Capital Federal. Tratava-se de um caso de humor duradouro e de uma "[...] relação de carinho que se expressa através da caricatura" (Lustosa, 1989, p. 61).

No entanto, essa aparente cordialidade não impedia a crítica severa aos homens públicos. Foi sob a direção do deputado Antônio Azeredo que a revista demonstrou seu forte poder de persuasão, influenciando a opinião pública no combate à candidatura de Rui Barbosa em sua Campanha Civilista. Durante a República Velha, tal postura provocou uma crise na Câmara que culminou na renúncia de seu presidente, Sabino Barroso, em 1910 (Sodré, 1966, p. 345).

A análise desse fato é crucial para a compreensão histórica do periódico, demonstrando como sua influência motivou intervenções políticas por meio de campanhas visuais cômicas e irônicas. Naquela ocasião, o humor não constituía mero entretenimento, mas uma resposta direta às crises e à desarticulação de valores tradicionais do período (Saliba, 2002). Por isso,

⁹ Máquinas de impressão industriais criadas por Hippolyte Auguste Marinoni, um engenheiro e construtor francês do século XIX que desenvolveu prensas rotativas e outras máquinas gráficas que modernizaram a produção impressa (jornais, livros, folhetos).

revistas autodeclaradas satíricas como *O Malho*, *Careta*, *Fon-Fon*, *Revista Illustrada* e outras, somavam-se como importantes espaços de discussão popular, utilizando a sátira para subverter a ordem social e política vigentes.

No atravessamento entre o humor e a crítica política, a revista mobilizou estratégias editoriais que contribuíram para ampliar a circulação de suas posições no espaço público, entre as quais se destaca a criação do personagem Zé do Povo, imortalizado nas ilustrações do caricaturista Alfredo Storni a partir de 1904. Enquanto construção simbólica, essa figura emblemática passou a operar através da representação do “homem comum”, mediando a crítica social por meio do risível e popular. Para Rosa (2002, pp. 24–25), Zé do Povo tornou-se “uma espécie de porta-voz dos protestos da população, particularmente carioca”, ilustrando as experiências e tensões do cotidiano das camadas populares.

Inspirado pelo personagem europeu "Zé Povinho", criado pelo artista e caricaturista português Rafael Bordalo Pinheiro, o Zé do Povo brasileiro adquiriu características visuais e nacionais próprias. Ele conferia protagonismo a um sujeito de vida precária, representando o cidadão comum inserido em um grupo social desprovido de condições econômicas, visto que a “República criou uma cidadania precária, porque calcada na manutenção da iniquidade das estruturas sociais; acentuou as distâncias entre as diversas regiões do país...” (Saliba, 2021, p. 229).

Por meio do Zé do Povo, *O Malho* instrumentalizava o humor da caricatura para canalizar as insatisfações populares diante dos problemas da época, como a vacinação obrigatória, a pobreza, as reformas urbanas e a questão indígena:

Figura 8: Nilo Peçanha (de vestes finas), Rodolpho Miranda (o escultor) e Zé Povo (com livros nas mãos) na charge política “A catequese e seu modelador”



Fonte: *O Malho*, nº 406. Anno 9, 25/06/1910, p. 25. Hemeroteca Digital Brasileira.

Nilo: Belíssima obra, principalmente se puderem encaixar aí estas ferramentas, em vez do arco e flecha...

Rodolpho Miranda: Não é muito fácil, mas com um pouco de arte e jeito...

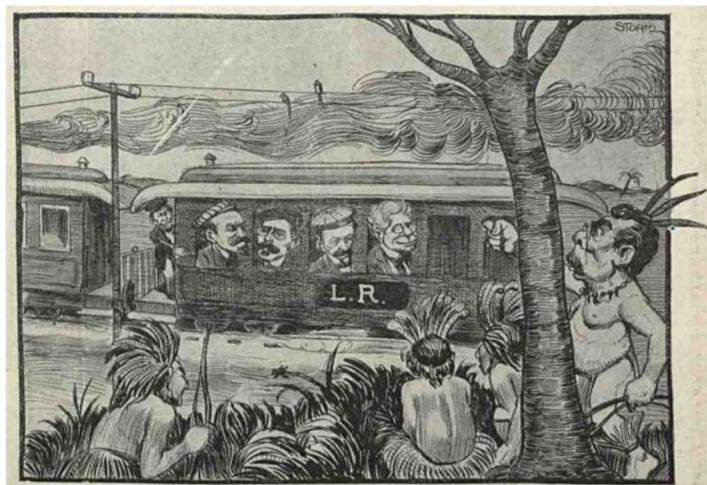
Zé Povo: O seu Rodolpho! Veja se também lhe mete as mãos estes livrinhos, para que o caboclo não saia como eu, com os meus 80 por cento de analfabetismo... Isso é que seria obra e, com mais um empurrão, vai a caixa ao porão!

(*O Malho*, nº 406. Anno 9, 25/06/1910, p. 25).

A Figura 8, publicada n'*O Malho* em 1910, ironiza o discurso civilizatório que conduzia as políticas indigenistas no início do governo de Nilo Peçanha. Ao satirizar o plano do Ministério da Agricultura voltado à catequese dos povos indígenas e à sua “incorporação ao trabalho nacional”, a charge evidencia a concepção tutelar e assimilacionista, representando o indígena como um objeto a ser moldado, educado para à civilização. Mesmo que não trate diretamente sobre a criação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), atual Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), a imagem reflete o ambiente político e intelectual que possibilitou sua criação naquele mesmo ano. A caricatura com elementos sobre a educação e de tom civilizatória, contrastava com a realidade da expansão das frentes de ocupação do território nacional, marcada pela abertura de linhas telegráficas e ferrovias, sobretudo nas regiões de Mato Grosso e do Amazonas, processo que implicou invasões de terras tradicionais, conflitos armados e massacres de populações indígenas (Gagliardi, 1989).

Na mesma edição, *O Malho* publicou outra charge de autoria de Storni (Figura 9), que satiriza a viagem da comitiva presidencial destinada à inauguração de obras ferroviárias nos estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. A cena é organizada em torno de uma locomotiva a vapor identificada pelas letras “L.R.”, em alusão à Leopoldina Railway, símbolo do ideário de progresso material e integração territorial no início do século XX. No interior do vagão, são caricaturados membros da elite política republicana, entre eles Nilo Peçanha, acompanhados por ministros e autoridades civis, enquanto figuras indígenas observam a passagem do trem a partir da margem da paisagem natural. A exploração simbólica da charge sobre a maquinaria ferroviária e o ambiente considerado “selvagem”, produz um discurso visual que ironiza o discurso civilizatório associado ao progresso. A representação caricatural de personagens como Leopoldo de Bulhões, Alfredo Backer, Francisco Sá, Rodolfo Miranda e de Oliveira Botelho, figurado de forma estereotipada como um “cacique”, reforça o tom crítico do periódico, ao mesmo tempo em que reproduz elementos visuais que condiciona o indígena à vida selvagem.

Figura 9: “A caminho da vitória”



Fonte: *O Malho*, nº 406. Anno 9, 25/06/1910, p. 7. Hemeroteca Digital Brasileira.

Bulhões: Que diabo estará o cacique a dizer?

Backer: Bataty pará Niló! Surucucú, Macahé!

Francisco Sá: Entendeu, seu Nilo?

Nilo: Não! Mas pelo gesto selvagem, comprehende-se: o cacique do Ingá está furioso porque estamos atravessando civilizadamente o seu terreno de selvagerias...

Zé Povo: É isso mesmo! E como o V. Ex. vai inaugurar no Espírito Santo e no Estado do Rio, ligações e melhoramentos de vias férreas, obras do porto, escolas e hospitais, o raio do caboclo ainda fica mais fulo de raiva... A ele a outros que tais, não convém o progresso e a civilização... Preferiam os “prisioneiros do Cattete” que dali não sabiam, não viam as coisas de perto ou deixavam correr tudo a revelia... Deus nos livre deles!

Rodolpho Miranda (para o cacique): Cala a boca, selvícola! Olha que eu te mando catequizar!...

(*O Malho*, nº 406. Anno 9, 25/06/1910, p. 7).

A representação do Zé do Povo na charge funciona no que Hall (2016) chama atenção para a criação de "significados compartilhados" entre o público leitor. O personagem atua como um contraponto direto ao ideário da República construído por políticos e generais, evidenciando a distância entre as decisões da elite governante e as necessidades de uma população fortemente ligada à “[...] condição agrária, retrógrada e subalterna do país no contexto internacional da Segunda Revolução Industrial e Tecnológica” (Saliba, 2021, p. 229).

Nesse sentido, personagens como o Zé do Povo ocuparam um lugar privilegiado na construção de uma pedagogia informal veiculada por *O Malho*, por meio do humor e da sátira. Longe de se restringir ao entretenimento ou à simples informação política, a revista assumiu uma função formativa ao estimular formas de leitura crítica da realidade social e política, em um contexto, como informado por Lustosa (2003), no qual o acesso à educação formal era restrito. Ao longo de mais de meio século de circulação, essa estratégia foi ampliada com a criação de outros personagens recorrentes, que possibilitaram diversificar os registros da crítica e dialogar com distintos perfis de público. Entre eles, o mascote “Cardoso” por exemplo, foi

outra figura que representava o leitor comum, reforçando o caráter de uma educação informal da revista (Cardoso, 2022).

Na década de 1910, *O Malho* já havia atingido um patamar de grande relevância em seu conglomerado editorial. Um anúncio de 15 de agosto de 1914 (Figura 10) exibe essa posição. Ao listar os preços de assinaturas semestrais, posicionava *O Malho* em um mercado competitivo ao lado de títulos de grande circulação, como *A Tribuna* (15\$000), *Ilustração Brasileira* (11\$000), *O Tico-Tico* (6\$000) e *Leitura Para Todos* (3\$500). A menção aos almanaques anuais d'*O Malho* e d'*O Tico-Tico*, vendidos a 3\$000 réis, reforça a força da marca. Essa proeminência comercial não apenas garantia sua longevidade, mas também evidenciava a ampla penetração e influência que a revista exercia na sociedade brasileira.

Figura 10: Recorte da revista *O Malho*: Preço das assinaturas

	Capital e Estados		Exterior	
	1 ANNO	6 MESES	1 ANNO	6 MESES
A TRIBUNA.....	30\$000	15\$000	50\$000	30\$000
O MALHO.....	15\$000	8\$000	25\$000	14\$000
O TICO-TICO.....	11\$000	6\$000	20\$000	11\$000
A LEITURA PARA TODOS	6\$000	3\$500	10\$000	6\$000
A ILUSTRAÇÃO.....	20\$000	11\$000	30\$000	16\$000

ALMANACH d'e O MALHO... 3\$000 } Pelo correio mais 500 rs.
» D'e O TICO-TICO 3\$000 }

Fonte: *O Malho*, nº 622. Anno 13, 15/08/1914, p. 6. Hemeroteca Digital Brasileira.

A redação d'*O Malho* também se tornou ponto de encontro da elite intelectual e artística da época (Gonçalves, 2019). A empresa inovou também em suas estratégias de distribuição, oferecendo exemplares como cortesia a associações profissionais, grêmios e congregações religiosas, garantindo um público cativo e contornando as restrições à venda avulsa de periódicos nas ruas (Rosa, 2002).

Essa estratégia comercial permitiu que a editora *O Malho* S.A. se transformasse em uma das primeiras grandes empresas do setor no país. O sucesso editorial e a estabilidade financeira proporcionada pelo sistema de assinaturas permitiram que a empresa gerisse outros títulos de aceitação popular, como a popular revista infantil *O Tico-Tico* e os aguardados almanaques anuais (Rosa, 2002).

No aspecto artístico, *O Malho* reuniu um corpo de talentos gráficos sem precedentes. Herman Lima (1963, pp. 144-146) listou "três gerações de artistas do lápis" que passaram por

susas páginas ao longo de meio século, fundamentais para a identidade visual do impresso: K. Lixto, Raul Pederneiras, J. Carlos, Crispim do Amaral, Leônidas Freire, Storni, Seth, Nássara, Di Cavalcanti e o paraguaio Andres Guevara. Esse grupo de talentos, atraído pela estabilidade e relevância da publicação, garantia a qualidade de sua visualidade.

Todo esse trabalho assegurou à revista colaborações internacionais. A contratação de artistas estrangeiros como Georges Scott, Sabatier e Lucien Metivet, vinculados a importantes revistas europeias como *Je sais Tout* e *Le Rire*, evidencia as " [...] intensas circulações sociais e culturais que envolviam a imprensa brasileira e estrangeira" (Gonçalves, 2019, pp. 22-24). Essa circulação transatlântica não se restringia a impressos, abrangendo pessoas, ideias e estéticas, enriquecendo o ambiente cultural da época.

Figura 11: Comparação artística das capas d'*O Malho* durante 3 décadas



Fonte: *O Malho*, nº 59. Anno 2, 31/10/1903 por Bybyo. Nº 539. Anno 12, 11/01/1913 por Storni. Nº 909. Anno 19, 14/02/1920 por Luiz Sá. Hemeroteca Digital Brasileira.

A Figura 11 permite observar, de forma comparativa, as transformações estéticas e editoriais de *O Malho* ao longo de três décadas de circulação, evidenciando a presença contínua de artistas e a adaptação visual do periódico às mudanças culturais e políticas do país. A capa de 1903, assinada por “Bybyo”, é de repertório do *Art Nouveau*, marcado por linhas orgânicas, tipografia integrada à composição e pela figura feminina idealizada, em consonância com a estética cosmopolita da *Belle Époque* e com a sofisticação gráfica buscada nos primeiros anos da revista. Enquanto a capa de 1913, ilustrada por Storni, apresenta a visualidade da sátira política, utilizando a charge como instrumento de crítica moral e social no contexto da consolidação da República. Por fim, a capa de 1920, de Luiz Sá, apresenta uma linguagem visual artística ao aproximar de tendências modernas e enfatizando o impacto visual, o que indica a atualização do periódico frente às transformações do campo artístico e às novas sensibilidades do pós-Primeira Guerra e lugar de experimentação artística.

Ao longo de sua existência, *O Malho* vivenciou diferentes fases editoriais. A primeira (1902-1917), supervisionada por Luís Bartolomeu e depois por Antônio Azereedo, publicou conteúdo que oscilava entre humor, entretenimento, notícia e a crítica política (Lima, 1963; Gonçalves, 2019). A segunda fase (1918-1930) é considerada por Lima (1963) a "era de ouro". Sob a direção de Álvaro Moreyra e J. Carlos, a publicação assumiu um perfil editorial moderno e de variedades (Gonçalves, 2019), amadurecendo um projeto que transformou a imprensa ilustrada no Brasil (Cardoso, 2022).

Mesmo tendo diversificado seu conteúdo e renovado sua identidade visual, *O Malho* intensificou sua posição política. Nos anos finais da República Velha, defendeu com afinco o governo de Washington Luís (1926–1930), publicando caricaturas e sátiras diretas contra os líderes da Aliança Liberal, como Getúlio Vargas, João Pessoa e Borges de Medeiros. Essas charges, segundo Lima (1963), não apenas ridicularizavam os políticos, mas também atacavam o povo gaúcho.

A contínua oposição política cobraria um preço alto. Com a vitória da Revolução de 1930, a retaliação foi imediata e violenta. Em 24 de outubro daquele ano, manifestantes populares marcharam pelo centro da Capital Federal, atacando e incendiando as sedes de grandes jornais e revistas oposicionistas. *O Malho*, *O País*, *A Vanguarda*, *A Gazeta* e *A Crítica* foram vandalizados e saqueados (Sodré, 1966; Rosa, 2002; Gonçalves, 2019). O episódio foi um golpe devastador para a editora, pois a destruição de seu maquinário moderno representou uma imensa perda econômica e material da qual jamais se recuperaria totalmente.

Iniciava-se então, em 1931, sua breve e difícil terceira fase, estendendo até 1932. Gonçalves (2019, p. 31) afirma que, “ao retornar às atividades, em 1931, a revista aparecia levemente modificada. O conteúdo político havia praticamente desaparecido, sobrando apenas o noticiário vazio e oficioso”. Para Rosa (2002, p. 57) “a irreverência da pena humorística que deliciava seus leitores desapareceu, dando lugar a uma revista de variedades”. Em uma tentativa de sobrevivência, a publicação buscou se reinventar aderindo a novas tecnologias, como o *offset* e a rotogravura (Gonçalves, 2019).

Essa busca por renovação editorial materializou-se, em 1933, com o início da chamada quarta fase da revista, anunciada sob o título de “*O Novo O Malho*” (*O Malho*, nº 1.588. Anno 32, 27/05/1933, p. 3) que prometia uma ampla reestruturação gráfica e temática. O exame comparativo das edições de maio e junho daquele ano (Figura 12) mostra que tal projeto se traduziu em mudanças concretas na diagramação, com maior presença de fotografias, uso pontual de páginas coloridas e uma organização visual mais dinâmica. As páginas passam a articular textos informativos, imagens fotográficas e ilustrações em composições mais fluidas, ampliando o repertório de temas abordados, como acontecimentos internacionais, curiosidades

e reportagens visuais. Essas transformações indicam a adaptação do periódico às novas linguagens da imprensa ilustrada e às expectativas de um público leitor cada vez mais familiarizado com a cultura visual e com os ritmos da modernidade urbana dos anos 1930:

Figura 12: Comparaçao visual de diagramação de edições do mesmo ano



Fonte: *O Malho*, 27/05/1933, nº 1588. Ano 32, p. 16 – *O Malho*, 20/05/1933, nº 1587. Ano 32, p. 15 – *O Malho*, 08/06/1933, nº 1. Ano 32, p. 10-13. Hemeroteca Digital Brasileira.

Com o tempo, as transformações do impresso não surtiram o efeito desejado, pois a consolidação do Estado Novo nos anos seguintes impôs desafios, principalmente a partir de 1935. Diante das condições ditoriais, Sodré (1966) observa que a publicação se tornou "apenas noticiosa e literária", esvaziada de seu valor crítico. Lima (1963) acrescenta que, mesmo nesse ambiente hostil, a antiga vertente política tentava ressurgir esporadicamente, sobretudo através do "lápis de Theo", que produzia charges contra os "títeres da nossa pantomima dos bastidores políticos". Apesar de o conteúdo evitar temas sensíveis, as capas voltaram a apresentar crônicas políticas a partir de maio de 1945 e próximo ao fim do governo Vargas, sinalizando o fim da censura mais rígida daquele regime (Gonçalves, 2019).

No ano de 1940, *O Malho* entrou em sua quinta e última fase, marcada por um declínio irreversível. Pressionada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)¹⁰ e sem uma

¹⁰ Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) foi criado em dezembro de 1939, para o monopólio do Estado Novo sobre os meios de comunicação de massa (rádio, revistas, jornais, teatro, cinema e música). Disponível em: <https://expo-virtual-cpdoc.fgv.br/departamento-de-imprensa-e-propaganda-dip>. Acesso em: 6 jun. 2025.

identidade clara, tentou sobreviver como uma publicação mensal. A revista já não era carro-chefe da editora, passando a manter-se "a reboque das realizações de *O Tico-Tico*", que se tornara a publicação mais lucrativa da empresa (Rosa, 2002). Ao perder a relevância, o espaço crítico e boa parte dos seus leitores, a revista deixou de circular definitivamente em julho de 1954, meio século de trajetória.

3 POVOS INDÍGENAS N’O MALHO: MAPEAMENTO GERAL

Este capítulo se dedica ao mapeamento sistemático da temática indígena na agenda editorial da revista *O Malho* entre 1902 e 1953. O *corpus* documental foi construído pela consulta das edições disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira, complementada pela busca de exemplares pontuais no acervo digital da Fundação Casa de Rui Barbosa. Isso foi necessário, especialmente nos casos em que as edições da Biblioteca Nacional apresentavam baixa qualidade gráfica e rasuras.

Ambos os acervos digitais apresentaram desafios pontuais como: ausência de edições raras, deterioração das páginas, perda de qualidade fotográfica, infidelidade de cor, trechos textuais ilegíveis, além do uso de vocabulário arcaico. Ainda assim, o conjunto de exemplares acessados constituiu uma documentação robusta e essencial para a proposta deste mapeamento.

O levantamento foi realizado por meio da leitura sistemática de cada número, pois as buscas iniciais baseadas apenas em palavras-chave como “indígena”, “índio” e “selvagens” mostraram-se insuficientes. Frequentemente, certas publicações não indicavam nos títulos, que determinado conteúdo era sobre os povos indígenas, embora estes fossem centrais nos discursos textuais e nas ilustrações. Ademais, ao longo de sua trajetória, o periódico mobilizou diferentes formas de se referir aos indígenas (índio, indígena, selvagem, silvícolas, caboclos, gentio etc.), o que justificou a necessidade da leitura integral de cada edição.

Uma vez identificado a presença direta ou indireta dos povos indígenas nas publicações, cada conteúdo foi classificado segundo sua tipologia editorial: charges, histórias em quadrinhos, crônicas, fotorreportagens, capas ilustradas, fotografias, notícias, contos, artigos e outros. Essa categorização permitiu não apenas mensurar a recorrência temática, mas também identificar as estratégias narrativas e visuais mobilizadas pelo semanário.

A organização do *corpus* seguiu à ordem cronológica das fases editoriais e dos anos de publicação, facilitando o manejo dos arquivos e a análise do material. Para cada ano, também foi elaborada uma tabela de catalogação (Apêndice A), possibilitando o registro sistemático do conteúdo. Adicionalmente, foram produzidos breves verbetes anuais sintéticos e imagens, que destacam as tendências e recorrências sobre a representação indígena em cada recorte temporal.

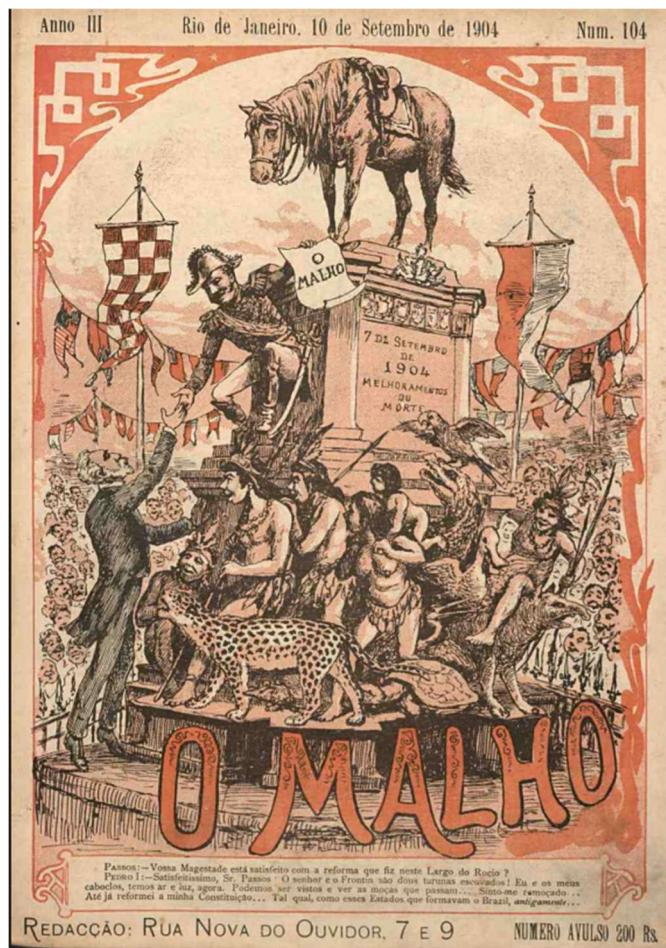
3.1 Primeira fase (1902-1917):

1902-1903-1904: No período de fundação d’*O Malho*, a temática indígena recebeu atenção limitada, sendo mencionada pontualmente em duas crônicas. A primeira intitulada “No café” (*O Malho*, nº 2. Anno 1, 27/09/1902, p. 14), abordava aspectos relacionados às ideias de

civilidade da época; a segunda, intitulada “Chronica” (*O Malho*, nº 5. Anno 1, 18/10/1902, p. 6), destacava a atuação da professora Leolinda Daltro¹¹ na defesa dos direitos dos povos indígenas. Em 1903, a charge “A lei da imitação” (*O Malho*, nº 63. Anno 2, 28/11/1903, p. 7) descrevia o fuzilamento de dez indígenas por um “coletor”.

Já em 1904, o tema ainda permaneceu pouco expressivo, sendo registradas notícias esparsas, como na coluna “Interior” (*O Malho*, nº 109. Anno 3, 15/10/1904, p. 15). Esta relatava sobre os indígenas dos sertões sendo instruídos no uso de armas para declarar guerra à União, proposta recusada por eles. Destaca-se a capa da edição de setembro (Figura 13), a primeira a representar figuras indígenas ao lado do monumento de Dom Pedro I, associando-os à comemoração da Independência do Brasil (7 de setembro):

Figura 13: Capa d'*O Malho*, 1904



Fonte: *O Malho*, nº 104. Anno 3, 10/09/1904. Hemeroteca Digital Brasileira.

¹¹ Destacou-se como pioneira na defesa de políticas públicas indigenistas no Brasil, especialmente ao advogar por uma educação laica que incorporasse línguas e saberes indígenas. Sua atuação enfrentou forte resistência política, social e religiosa, incluindo perseguições e conflitos com autoridades e ordens eclesiásticas, sendo reconhecida pela historiografia como uma liderança combativa e resiliente na luta pelos direitos indígenas. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/1%20Verbetes%20letra%20D.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2025.

A ilustração representa uma releitura caricata do primeiro monumento cívico brasileiro, a Estátua Equestre de D. Pedro I, inaugurada em 1862 no Largo do Rocio, atual praça Tiradentes, Rio de Janeiro. Na imagem, a representação indígena funciona de forma simbólica, como alegoria nacional, elementos de um imaginário romântico e heroico que os compreendiam sendo a base da identidade brasileira.

1905: Duas capas utilizaram a imagem do indígena como alegoria da identidade nacional. A primeira, “A mensagem do cacique”, satirizava Bernardino de Campos, retratando-o como um cacique autoproclamado líder. A segunda abordava era o episódio do cruzador alemão *Panther*¹², trazendo uma crítica humorística sobre a reação esperada do Estado brasileiro. Na ilustração de Lobão, a canhoneira alemã é representada como uma onça-pintada usando um capacete *pickelhaube*, enquanto o Brasil é personificado pelo “índio” armado com arco e flechas, defendendo a soberania nacional ao lado do Barão do Rio Branco e do presidente Rodrigues Alves.

Figura 14: À esquerda, “A mensagem do cacique”. À direita, “O caso da panthera”



Fonte: Autor não identificado, *O Malho*, nº 135. Anno 4, 15/04/1905; Arte por Lobão. *O Malho*, nº 170. Anno 4, 16/12/1905. Hemeroteca Digital Brasileira.

¹² Conhecido como “Questão Panther”, o episódio foi um incidente diplomático entre Brasil e Alemanha (1905–1906), provocado pela entrada não autorizada de militares alemães em território brasileiro, interpretada como violação da soberania nacional. A resposta firme do governo brasileiro, conduzida pelo Barão do Rio Branco, resultou em pedido formal de desculpas da Alemanha e consolidou a afirmação da soberania brasileira no contexto das tensões geopolíticas da época. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/QUEST%C3%83O%20PANTHER.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2025.

1906: As representações indígenas limitaram-se a charges que os associavam à ociosidade e a vida selvagem. Entretanto, novas capas alegóricas foram produzidas. “O S. Sebastião do dia” exibe um indígena (o Estado brasileiro) amarrado na árvore do “poderio alemão” e alvejado por flechas que simbolizando a imprensa da época. Seis meses depois, a capa “O protesto do caboclo” satirizava a modernização urbana do Rio de Janeiro promovida por Pereira Passos. Nela, o “caboclo” (personificação do Brasil) é forçado a abandonar suas vestes tradicionais de plumagem para trajar-se como um “civilizado”, sob ordens de Pereira Passos e da figura feminina que representa a República. A charge critica a modernização forçada e a tentativa de adequação a um imaginário europeu de civilidade, em detrimento da identidade nacional.

Figura 15: À esquerda, “O S. Sebastião do dia”. À direita, “O protesto do caboclo”



Fonte: Autor não identificado. *O Malho*, nº 175. Anno 5, 20/01/1906; Arte por Rocha. *O Malho*, nº 196. Anno 5, 16/06/1906. Hemeroteca Digital Brasileira.

1907: As representações continuaram pontuais, com destaque para fotografias de indígenas classificados como “domesticados”, reforçando a perspectiva assimilaçãoista. Em setembro, a notícia ilustrada “Horrível!” relatou um ataque do povo Ka'apor (Urubu) seringueiros no Pará. A narrativa, carregada de indignação, serviu para o editor a reivindicar ao governo maior investimento na “[...] catequese eficaz e progressiva dos nossos índios, a fim de os chamar ao verdadeiro grêmio da civilização: o do trabalho” (*O Malho*, nº 265. Anno 6, 12/10/1907, p. 27).

1908: O enfoque deslocou-se para a religião e a musicalização¹³. Chama atenção uma crônica com fotografia (Figura 16) sobre a banda musical de indígenas Boe (Bororo) catequizados pelo padre Antônio Malan (Missão Salesiana/Mato Grosso). O periódico conferiu notoriedade ao trabalho missionário como vetor de civilização, celebrando a transformação dos “ex-selvagens” em sujeitos educados. A publicação reafirmava o ideal de “civilização” via educação religiosa como um legado histórico a ser preservado.

Figura 16: "Banda de música dos índios bororos"



A celebre banda de musica dos índios boróros, organizada pela Missão Salesiana em Matto Grosso. No centro o Superior da Missão, padre Antonio Malan, grande catechisador e civilizador, por quem os ex-selvagens têm o maior respeito e a mais profunda estima.

Fonte: *O Malho*, nº 301. Anno 7, 20/06/1908, p. 4. Hemeroteca Digital Brasileira.

1909: A temática adquiriu contornos vinculados ao cotidiano urbano e à cultura popular. Crônicas e charges satirizavam a proibição pelo chefe de polícia Alfredo Pinto, do uso de fantasias de “índio” durante o Carnaval carioca (*O Malho*, nº 330. Anno 8, 09/01/1909, p. 4). A revista tratou a proibição como “indiofobia” institucional (*O Malho*, nº 332. Anno 8, 23/01/1909, p. 33). O debate repercutiu em outros veículos, a *Careta*, evidenciando que a figura do indígena era crucial na disputa simbólica na cultura popular na *Belle Époque* carioca.

1910: Ano do terceiro Censo Decenal, *O Malho* publicou a charge “Recenseamento dos índios”, ironizando a inclusão estatística dessas populações (*O Malho*, nº 410. Anno 9,

¹³ A utilização da musicalização cristã como instrumento de aproximação e catequese das populações indígenas ocorre desde às práticas missionárias jesuíticas do período colonial. Os missionários, cientes do papel importante da musicalidade nas práticas rituais e em suas cosmologias, as utilizavam estrategicamente como ferramenta pedagógica e evangelizadora. Os cânticos litúrgicos e hinos religiosos não eram utilizados apenas nos cultos, mas também como mecanismos de assimilação cultural, favorecendo a adesão dos indígenas à fé cristã. Muitos indígenas eram incentivados a integrar coros, tocar instrumentos e participar de cerimônias religiosas em igrejas e capelas. Essa prática contribuiu para a formação de aldeamentos missionários, na qual os elementos musicais indígenas foram reinterpretados sob a lógica da catequese e do projeto colonial (Holler, 2010).

23/07/1910, p. 34). A ilustração enfatizava uma perspectiva assimilacionista, ao declarar que os indígenas agora integravam à “grande comunhão brasileira”. Na mesma linha, a redação defendia o uso do humor como uma ferramenta crítica: “Não é, pois, uma coisa nova o emprego de charge na crítica indígena aos fatos que se desenrolam, nem *O Malho* se pode gabar de ter inventado essa pólvora sem fumaça” (*O Malho*, nº 417. Anno 9, 10/09/1910, p. 8).

1911: O impresso assumiu um tom crítico quanto aos esforços da educação para a civilização, questionando o uso de recursos públicos e o envolvimento do Exército. Os ataques recaíram sobre o marechal Cândido Rondon (1865-1958) e o recém-criado Serviço de Proteção aos Índios (SPI). A matéria “Explorações da catequese, como se procura engazopar o governo”, denunciou a exploração do povo Boe (Botocudo) por um sertanista que os exibia como figuras exóticas (*O Malho*, nº 434. Anno 10, 07/01/1911, p. 33). Outro destaque foi a publicação fotográfica “Representantes da selvageria e da civilização” (Figura 17). A imagem estabelecia uma dicotomia visual baseada no evolucionismo social, contraponto o “selvagem” ao “civilizado”. À esquerda, figurava João Karajá¹⁴, líder indígena fotografado em estúdio; à direita, o empresário Menna Etzberger:

Figura 17: “Representantes da selvageria e da civilização”



Fonte: *O Malho*, nº 463. Anno 10, 29/07/1911, p. 36. Hemeroteca Digital Brasileira.

1912: O impresso manteve a exploração satírica. A charge “A cidade e as serras” (Figura 18) estabelecia uma analogia entre a vida urbana estressante e a suposta ociosidade do

¹⁴ Durante a pesquisa, a Biblioteca Digital Curt Nimuendajú repousou em suas redes sociais essa mesma fotografia, uma grande surpresa, pois, até aquele momento, a identidade de João Karajá parecia anônima, já que a revista *O Malho* raramente informava o nome de pessoas indígenas. A imagem está em posse do Laboratório de Imagem e Som em Antropologia da USP. Disponível em: <https://lisa.fflch.usp.br/node/3526>.

indígena: “Civilização é preocupação, é sofrimento, é encrenca de todos os dias. Enquanto o índio, descansando ingenuamente a sesta, em sua rede de penas, avança despreocupado no seu peixe fresco, eu, endividado, quebrado, politicado... enfim, civilizado, arrasto a minha vida...” (*O Malho*, nº 522. Anno 11, 14/09/1912, p. 43). Nesse mesmo período, a coluna “Os nossos selvícolas” publicava fotos de grupos indígenas tutelados pelo SPI, reforçando a narrativa de tutela estatal.

Figura 18: "A cidade e as serras"



Fonte: *O Malho*, nº 522. Anno 11, 14/09/1912, p. 43. Hemeroteca Digital Brasileira.

1913: O modelo editorial seguiu em pequenas reportagens fotográficas e em fotografias pontuais de curiosidades e comissões pacificadoras, nas quais o indígena assumia a função de elemento visual de exotismo e era conduzido à educação para a civilização (Figura 19):

Figura 19: "Pelos índios"



No Rio Grande do Sul: um grupo de indios Kaingangs, alunos do professor Miguel de Souza Lima, do serviço Federal de Protecção aos Indianos. A escola do professor Lima contava com algumas dezenas de alunos.

Fonte: *O Malho*, nº 538. Anno 12. 04/01/1913, p. 16. Hemeroteca Digital Brasileira.

1914: Ano repleto de capas alegóricas associadas ao discurso político. Em “O novo S. Sebastião”, o indígena (o país) é martirizado pelas flechas das crises econômicas. Na capa “É preciso acabar com o monstro!”, o indígena é estrangulado pelo polvo do protecionismo econômico, enquanto a elite política observa passivamente. A revista também abordou a Revolta de Juazeiro (1913-1914)¹⁵ na capa “A Hecatombe Cearense”, onde uma Iracema estilizada clama por socorro, e criticou o endividamento externo em “A situação Financeira”, mostrando um indígena (país) carregado para ser entregue a banqueiros europeus:

Figura 20: À esquerda, “O novo S. Sebastião”¹⁶. À direita, “É preciso acabar com o monstro!”¹⁷



Fonte: Arte de Lobão e Storni. *O Malho*, nº 592. Anno 13, 17/01/1914; *O Malho*, nº 593. Anno 13, 24/01/1914. Hemeroteca Digital Brasileira.

¹⁵ Confronto político-militar ocorrido em 1914 no Ceará, comandado pelo Padre Cícero contra a intervenção do governo do presidente Hermes da Fonseca na política local, que tentava impor governadores contrários aos interesses das oligarquias cearenses. TRINDADE, Sérgio. **A Revolta do Juazeiro: Guerra no Sertão**. Natal: Editora Esribas, 2021.

¹⁶ **Zé Povo**: - Pobre rapaz! Amarrado à arvore de pouco sorte, viu acabar o ano, mas não acabaram as tremendas setas de que é alvo. Coitado! Nem pode abrir o arco...

¹⁷ **Zé Povo**: - Pobre rapaz! Em que agonia se vê, com o monstro do protecionismo! Salvem-no os senhores! Está isso nas suas mãos! As tarifas absurdas, que fazem a nossa miséria e o nosso desespero, não podem continuar!

Figura 21: À esquerda, “A hecatombe cearense”¹⁸. À direita, “A situação financeira”¹⁹



Fonte: Artes por Storni. *O Malho*, nº 599. Anno 13, 07/03/1914; *O Malho*, nº 603. Anno 13, 04/04/1914. Hemeroteca Digital Brasileira.

1915: Houve ampliação do uso da temática indígena como metáfora para a politicagem. Termos como “politicagem indígena” (*O Malho*, nº 681. Anno 14, 02/10/1915, p. 6), “charadismo indígena” (*O Malho*, nº 683. Anno 14, 16/10/1915, p. 33) e “pieguismo indígena” (*O Malho*, nº 682. Anno 14, 09/10/1915, p. 42) tornaram-se recorrentes para criticar o cenário nacional. A palavra “indígena” passou a ser usada como sinônimo irônico da população brasileira em geral. De forma complementar, as reportagens fotográficas continuaram apresentando grupos indígenas em situações de “barbárie” ou rumo à “civilização” (Figura 22):

¹⁸ **O Ceará:** - Basta de horrores! Basta de Sangue!

A República: - Ái tem Marechal, o resultado da “salvação” ... O que se fez foi a perdição do Ceará. Pobre terra de Iracema! Ai do Brasil, ai de mim!

¹⁹ **Rivadavia:** - A febre de progresso, o delírio das despesas de que foi acometido, por tanto tempo, passou felizmente. A dieta tem-lhe feito muito bem. Mas está enfraquecido, e precisa reconstituir-se.

Os banqueiros ingleses e franceses: - Sim, sim. Vamos dar-lhe umas injeções de arame.

Zé Povo: - Isso! Com umas boas injeções desse remédio, o doente não tardará a ficar tão como um péro e a ter sustância nas pernas...

Figura 22: "Nos confins do Brazil"



Um grupo de índios em começo de civilização, como se verifica pelo facto de já terem acanhamento de se mostrarem tal qual vieram ao mundo... Trabalham às margens do Rio Juruá, segundo nol-o diz o nosso amigo Josué Nunes, photógrapho, que nos enviou o original da presente gravura.

Fonte: *O Malho*, nº 645. Anno 14, 23/01/1915, p. 14. Hemeroteca Digital Brasileira.

1916: O termo pieguismo indígena voltava a aparecer na coluna de sátiras “Salada”, ilustrada por Storni, pela lógica discursiva de associar a ideia de sentimentalismo nacional diante da guerra, em contraste com o patriotismo de outros que iam ao combate e tinham como resposta, o fuzilamento (*O Malho*, nº 701. Anno 15, 19/02/1916, p. 20). A capa “Pela águia: contra os urubus!” (Figura 23) criticou a neutralidade brasileira na Primeira Guerra Mundial, representando o Brasil como um indígena adormecido:

Figura 23: Capa da edição nº 725, “Pela Águia: Contra os urubus!”



Fonte: Arte por K. Lixto. *O Malho*, nº 725. Anno 15, 05/08/1916. Hemeroteca Digital Brasileira.

1917: O tom de denúncia retornou com o artigo “Pelos selvícolas: A selvageria da civilização” reportando assassinatos de indígenas por seringueiros e defendendo a competência de Rondon frente à ineficiência do Ministério da Agricultura: “Se ela se limita a ser um ninho de empregos para os protegidos, acaba-se com esse ninho... de ratos? [...] entregue-se ao coronel Rondon a proteção dos selvícolas” (*O Malho*, nº 752. Anno 16, 10/02/1917, p. 43).

3.2 Segunda fase (1918-1930):

1918: Sob a nova direção de Álvaro Moreyra e J. Carlos, *O Malho* adotou um perfil mais literário e esteticamente refinado (Lima, 1963). A capa “Rondônia” (Figura 24) ilustrada por Raul, homenageou Cândido Rondon. Diferentemente das sátiras anteriores, a nova fase exaltava o militar positivista como herói nacional e agente civilizador. A figura feminina indígena na capa, adornada com a efígie de Rondon, criava uma metáfora visual da integração tutelada. Vale ressaltar que o título “Rondônia” era uma homenagem direta ao marechal, visto que o território federal homônimo só seria criado décadas depois.

Figura 24: Capa da edição nº 835, “Rondônia”



Fonte: Arte de Raul. *O Malho*, nº 835. Anno 17, 14/09/1918. Hemeroteca Digital Brasileira.

1919: A presença temática tornou-se pontual. O periódico celebrava na coluna “Notas da semana” o retorno de Cândido Rondon à capital após um longo período de viagens

exploratórias, acompanhado por uma criança indígena (Figura 25). A narrativa construiu a imagem do sertanista como um herói: “O bravo e heroico sertanista já é um símbolo nacional. Símbolo de competência, símbolo de audácia, símbolo de tenacidade, símbolo de fé cívica” (*O Malho*, nº 882. Anno 18, 09/08/1919, p. 21).

Figura 25: “[...] ao centro o indiozinho que o herói sertanista trouxe em sua companhia”



Fonte: *O Malho*, nº 882. Anno 18, 09/08/1919, p. 21. Hemeroteca Digital Brasileira.

1920: Duas capas criticaram a dependência econômica externa: “O grande remédio” satirizava os empréstimos estrangeiros (representados pelo tônico de ferro) para curar o “Brasil-índio” anêmico; e “O Mártil” criticava a influência norte-americana na Amazônia, em razão do financiamento da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré²⁰, também conhecida como “A ferrovia do diabo”.

²⁰ Construção iniciada em 1907 para ligar Porto Velho a Guajará-Mirim (RO), para transportar a borracha boliviana ao redor das cachoeiras do Rio Madeira. Dita como um marco de desenvolvimento amazônico, também foi responsável por ocasionar inúmeras tragédias de morte aos trabalhadores e populações indígenas devido a doenças (malária, disenteria), ganhando o apelido de "Ferrovia do Diabo". FERREIRA, Manuel Rodrigues. **A ferrovia do diabo**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2005.

Figura 26: À esquerda, “O grande remédio”. À direita, “O mártir”



Fonte: Arte por Raul e Léo. *O Malho*, nº 914. Anno 19, 20/03/1920; *O Malho*, nº 952. Anno 19, 11/12/1920. Hemeroteca Digital Brasileira.

1921 até 1930: O conteúdo da temática indígena tornou-se multifacetado, oscilando entre símbolo nacional, em charges como “Bugrelândia” (*O Malho*, nº 1.008. Anno 21, 07/01/1922, p. 25) e o objeto de curiosidade etnográfica (reportagens sobre os Karajá e o SPI). Em 1921, com tom sensacionalista, a reportagem “Dois funcionários públicos trucidados pelos índios Nhambiquaras”, reforçava o estigma da barbárie: “[...] dominados pela sede de represália e vingança, mostraram toda a sua selvageria” (*O Malho*, nº 962. Anno 20, 19/02/1921, p. 22). A temática expandiu-se para outros gêneros textuais, incluindo contos, lendas, poemas e crônicas.

Destaca-se a propaganda do tônico “Phospho-Calcina Iodada” (Figura 27) classificado pela revista *Archivos Rio-Grandenses de Medicina* (nº 10. Anno 17, 10/1938, p. 5) como de “reconhecido valor terapêutico”. Ao utilizar fotografias de indígenas com membros amputados, vítimas da violência na construção da ferrovia Madeira-Mamoré, como atestado de eficácia terapêutica, a publicidade converte a tragédia humanitária em peça de marketing, onde o corpo indígena mutilado deixa de ser sujeito de direitos para tornar-se objeto de validação da medicina ocidental. Os sujeitos fotografados possivelmente pertencem ao povo Kawahib, do grupo Karipuna, cuja área de ocupação naquele período situava-se nas proximidades do rio Madeira, em Rondônia. As imagens foram produzidas por Dana Merrill, entre 1907 e 1912, fotógrafa responsável por diversos registros de indígenas amputados, resultado da violência física e das

doenças disseminadas durante a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (Ferreira, 1960):

Figura 27: Propaganda com dois indígenas amazonenses feridos



Fonte: *O Malho*, nº 1.218. Anno 25, 16/01/1926, p. 38. Hemeroteca Digital Brasileira.

A ilustração intitulada *O Brasil sem Defesa*, publicada em *O Malho* em 1928 (Figura 28), insere-se no contexto dos debates parlamentares acerca da reforma das tarifas alfandegárias durante a Primeira República. A charge constrói visualmente a ideia de que tal política engendrava uma “indústria artificial”, sustentada por mecanismos estatais que, segundo a leitura do periódico, sacrificariam o país em benefício de um setor industrial considerado ineficiente. Para materializar essa crítica, a composição recorre à figura de um indígena (o país) representado de maneira fragilizada e subjugada, quase esquelética, sugerindo a exaustão do corpo nacional. Esse personagem é dominado por uma figura feminina (Indústria Artificial), bem vestida e soridente, simbolizando a política protecionista personificada.

Figura 28: "Pouco importa que eu estrangulo este índio. O que eu quero é a nota!"



Fonte: *O Malho*, nº 1.367. Anno 27, 24/11/1928, p. 25. Hemeroteca Digital Brasileira.

3.3 Terceira fase (1931-1932):

1931 a 1932: Nesta breve fase, a temática indígena voltou a integrar às discussões sobre identidade nacional. Além de poemas e curiosidades etnográficas, houve a inclusão de reportagens sobre a “pacificação” dos Xokleng em Santa Catarina por Eduardo Hoerhann (1896-1976)²¹. O destaque maior foi a campanha pelo “Vovô Índio” no final de 1932. Tratava-se de uma tentativa de substituir o Papai Noel europeu por uma figura nacional de visualidade indígena, alinhada ao nacionalismo cultural varguista (*O Malho*, nº 1.566. Anno 12, 24/12/1932, p. 20).

²¹ A trajetória do sertanista Eduardo Hoerhann e sua relação com o povo indígena Xokleng é emblemática. Servidor do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) entre 1914 e 1954, Hoerhann desempenhou papel importante na oficialização do Posto Indígena Plate, localizado em Ibirama (antes denominado Posto Indígena Duque de Caxias e atualmente, Terra Indígena Laklânõ), onde atuou como mediador nos processos de contato e pacificação. A revista *O Malho* destacou sua atuação com o objetivo de “civilização” e catequese, visão compartilhada pelo jornal *O Estado*, que o denominava “pacificador dos índios do Vale do Itajaí” (*O Estado*, nº 16.710, ano 57, 01/09/1973). Em entrevista concedida pouco antes de sua morte, em 1976, Hoerhann refletiu criticamente sobre sua experiência no SPI, afirmando: “Pequei ao pacificar os índios no Vale do Itajaí. Contribuí para sua extinção” (*O Estado*, nº 18.472, ano 62, 02/09/1976).

3.4 Quarta fase (1933-1939):

1933: A revista intensificou a publicação de lendas e narrativas folclóricas, bem como a campanha pelo Vovô Índio que ganhou força. O artigo fotográfico “Os Parintins da Amazônia e a sua aristocracia na selva”, além de apresentar algumas fotografias, descrevia aos leitores como aqueles indígenas bravos se tornaram dóceis, por influência da educação promovida por Curt Nimuendajú: “em franca marcha para a civilização” (*O Malho*, nº 18. Anno 22, 05/10/1933, p. 19). O fabulário *Vovô Índio* de Cristovam de Camargo, era promovido na revista na contínua tentativa de substituir o clássico Papai Noel por uma figura brasileira: “Querem abolir o Papai Noel. Seu sucessor será o Vovô Índio, indicado pelo senso nacionalista” (*O Malho*, nº 29. Anno 22, 21/12/1933, p. 33).

Figura 29: Ilustração Vovô Índio



Fonte: *O Malho*, nº 1.573. Anno 32, 11/02/1933, p. 6. Hemeroteca Digital Brasileira.

1934: A cobertura concentrou-se em representações marcadas pela exotização e pelo olhar pitoresco, articulando registros carnavalescos, crônicas históricas e descrições etnográficas superficiais. Textos como “Nas selvas do Brasil Central” e “A vida nas margens do Araguaia” abordavam os povos Iny (Karajá) e Apyãwa (Tapirapés) a partir de uma perspectiva aventureira, enfatizando práticas cotidianas, como alimentação e caça, sob o signo

do exótico (*O Malho*, nº 32. Anno 33, 11/01/1934, pp. 22-23; *O Malho*, nº 37. Anno 33, 15/11/1934, pp. 34-35). Já a crônica “A melhor “bola” do Carnaval deste ano”, reforçava esse viés ao apresentar não indígenas fantasiados de “índios”, encenando “tribos ferocíssimas” de forma caricatural, o que contribuía para a construção de uma imagem estereotipada e espetacularizada dos povos indígenas (*O Malho*, nº 36. Anno 33, 08/02/1934, p. 26).

1935: Neste ano, ampliou-se a presença de conteúdos relacionados aos povos indígenas, articulando estudos antropológicos, expedições científicas e ensaios históricos, ainda sob uma perspectiva marcada pela exotização e pela comparação cultural. Publicações como “Arte no país dos antropófagos” reforçavam uma visão estereotipada ao caracterizar povos indígenas da Nova Guiné e suas produções artísticas como exóticos e grotescos (*O Malho*, nº 88. Anno 34, 07/02/1935, pp. 14-15). Em paralelo, ensaios como “Teriam os nossos índios vindo da Grécia dos tempos heroicos?” e “Relíquias artísticas do Chaco” recorreram a analogias com tradições consideradas clássicas — como a arte grega e artefatos da Mesopotâmia — para interpretar a produção indígena americana, evidenciando a permanência de uma leitura historicista e comparativa na década de 1930 (*O Malho*, nº 92. Anno 34, 07/03/1935, pp. 20-21; *O Malho*, nº 103. Anno 34, 23/05/1935, p. 30).

1936: O período apresentou uma abordagem editorial voltada para narrativas de perspectiva etnocêntrica que associava os povos indígenas à “primitividade” e à necessidade de tutela. No campo literário, a publicação “A Lenda das Estrelas”, era uma versão adaptada do mito de origem das estrelas do povo Boe (Bororo) (*O Malho*, nº 135. Anno 34, 02/01/1936, p. 27). No âmbito jornalístico, a matéria “Dentro do Mistério Verde” cobriu o trabalho educacional missionário das irmãs de caridade com mulheres e crianças indígenas na Amazônia, iniciado em 1923. O texto celebrava os resultados do projeto catequético, afirmando: “Vários núcleos de catequese, centenas de selvagens domesticados, inúmeros corações praticando o bem, almas numerosas aprendendo a verdade, assimilando o progresso” (*O Malho*, nº 148. Anno 34, 02/04/1936, p. 33).

1937-1938-1939: A temática indígena não obteve uma frequência editorial comparada aos anos anteriores, aparecendo de forma esporádica e pontual, sobretudo em textos literários, ensaísticos e representações artísticas. Nesse período, manteve-se uma abordagem marcada por mitos, releituras históricas e estereótipos: o artigo “Índios Brancos...” explorou narrativas fantasiosas sobre a Amazônia ao descrever uma suposta tribo de “índios brancos”, atribuída a contatos pretéritos com europeus e caracterizada por um fenótipo mestiço, com observações que reforçavam concepções de raça da época (*O Malho*, nº 209. Anno 36, 03/06/1937, p. 11); ainda em 1937, destacou-se a capa de dezembro (Figura 30), com representação artística de um indígena assinada por Miguel Barros (Barros, O Mulato). Em 1938, a presença do tema

restringiu-se à crônica “Os Três Sonhos de Paraguassú”, releitura literária da trajetória de Catharina Paraguaçu, personagem Tupinambá do poema épico *Caramuru* (1781), de Santa Rita Durão (*O Malho*, nº 250. Anno 37, 17/03/1938, p. 28), além da arte da capa de agosto (Figura 30).

Figura 30: À esquerda, capa da edição 237. À direita, capa da edição 270



Fonte: Artes por Barros, O Mulato. *O Malho*, nº 237. Anno 36, 16/12/1937; O Mulato. *O Malho*, nº 270. Anno 37, 04/08/1938. Hemeroteca Digital Brasileira.

Já em 1939, o artigo “O Índio na Pintura do Brasil” elogiou a obra de Giuseppe Boscagli (1862–1945) por representar o que o texto qualificava como o “verdadeiro índio”, com características fenotípicas associadas aos povos indígenas Boe (Bororo) nas artes nacionais (*O Malho*, nº 294. Anno 38, 19/01/1939, p. 33); o ensaio “Ilha da boa viagem” apresentou uma narrativa de matriz cristã sobre a atuação de padres, acompanhados por indígenas cativos e pessoas negras escravizadas, na construção da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, em Niterói (RJ) (*O Malho*, nº 317. Anno 38, 29/06/1939, p. 22-23).

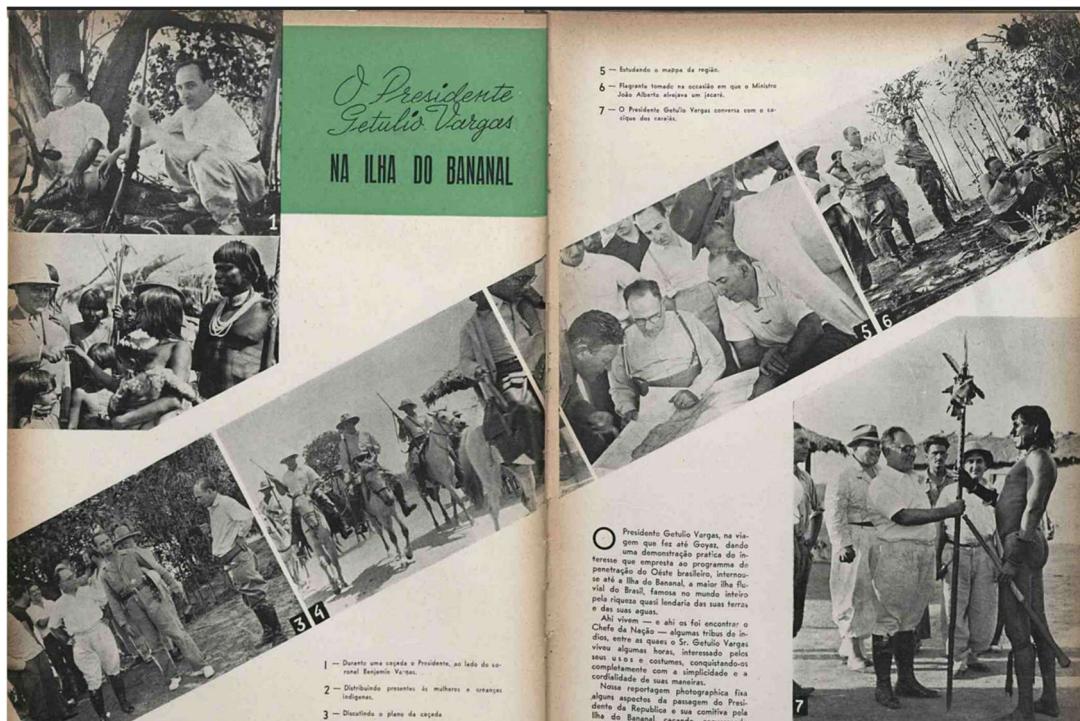
3.5 Quinta fase (1940-1953):

1940-1941-1942: Em um contexto marcado pela circulação mensal da revista e por seu alinhamento à propaganda política do Estado Novo, no ano de 1940, o tema continuava em declínio, com à exceção da reportagem “O Presidente Getúlio Vargas na Ilha do Bananal”, que

exibia registros fotográficos (Figura 32) sobre a visita de Vargas ao território do povo Iny (Karajá), então localizado no norte de Goiás (região que atualmente corresponde ao estado do Tocantins), como parte do programa governamental da “Marcha para o Oeste”. No ensaio “Na estreia do Brasil” de 1941, o periódico encorajava a leitura de Jean de Léry sobre os indígenas, mirando a idealização do "bom selvagem" da literatura clássica (*O Malho*, nº 20. Anno 40, 09/1941, p. 44).

Sobre o ano de 1942, foi veiculado a campanha publicitária intitulada “O índio que fundou uma república”, que recuperava a trajetória de Benito Juárez (1806–1872), líder indígena e ex-presidente do México, apresentado como símbolo de “coragem” e “patriotismo”, enquanto a coluna “Humorístico Histórico” relatou um episódio ocorrido durante a encenação da ópera *O Guarani*, de Carlos Gomes, baseada no romance homônimo de José de Alencar (1857), no qual a recusa de um tenor em raspar a barba para interpretar o personagem indígena Peri evidenciava concepções estereotipadas então vigentes sobre a aparência dos povos indígenas (*O Malho*, nº 27. Anno 41, 01/1942, p. 73; *O Malho*, nº 29. Anno 41, 06/1942, p. 30).

Figura 31: “O Presidente Getúlio Vargas na Ilha do Bananal”

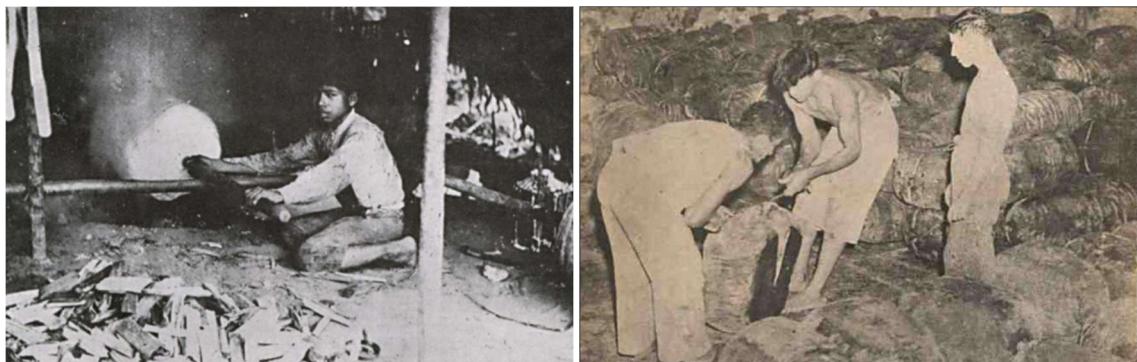


Fonte: *O Malho*, nº 8. Anno 39, 09/1940, pp. 14-15. Hemeroteca Digital Brasileira.

1943-1944-1945-1946: Na década de 1943, o artigo “O Brasil longe da avenida” apresentou registros fotográficos do cotidiano de um grupo indígena em Rondônia, enfatizando a autenticidade cultural para compor a imagem de um “Brasil profundo” (*O Malho*, nº 36. Anno 41, 01/1943, pp. 12-13). No próximo ano, o texto de cunho nacionalista “O trabalhador da

Amazônia colabora para a vitória das Nações Unidas” de 1944, abandonava o exotismo ao adotar a retórica do produtivismo indígena (*O Malho*, nº 52. Anno 42, 05/1944, pp. 29-30). Duas fotografias (Figura 33) reforçavam a narrativa de que esses sujeitos eram importantes para o trabalho na floresta e ao país.

Figura 32: À esquerda, jovem indígena defumando borracha. À direita, outro no centro, trabalha no corte da borracha



Fonte: *O Malho*, nº 52. Anno 42, 05/1944, pp. 29-30. Hemeroteca Digital Brasileira.

Ao atravessar para o viés literário, em 1945, publicou o conto “As febres”, que narrava os castigos naturais impostos aos bandeirantes ao invadirem territórios indígenas (*O Malho*, nº 63. Anno 43, 04/1945, p. 14). Na mesma linha editorial, a edição de julho de 1946, trouxe o artigo “Costumes bárbaros de antigos povos americanos”, descrevendo rituais de sacrifício humano na América Central, uma visão estereotipada de barbárie pré-colombiana (*O Malho*, nº 78. Anno 44, 07/1946, p. 4). Naquele ano, ainda houve a recomendação do livro *Anchieta* (1946), de Renato Sêneca Fleury, exaltando a figura “quase lendária” do jesuítico, dicotomia entre o “índio bárbaro” e o “índio civilizado” educado pela fé (*O Malho*, nº 82. Anno 44, 11/1946, p. 69).

1947-1948-1949: Durante os três anos, breves artigos sobre miscigenação e notas de curiosidades exóticas foram publicados. Em 1947 por exemplo, o texto “O Brasil Ludibriado” criticou o determinismo racial, refutando a tese de que o subdesenvolvimento nacional decorria da “ignorância do português, à indolência do índio e à incompetência do negro” (*O Malho*, nº 91. Anno 45, 08/1947, p. 37):

Figura 33: Recorte da revista *O Malho*: representação do negro, indígena e português



Fonte: Arte por Goulart. *O Malho*, nº 91, 08/1947. Hemeroteca Digital Brasileira.

No ano de 1948, o artigo “Sobre o tabaco” atribuiu que o hábito de fumar foi influenciado pelos indígenas, notando que estes “dele usavam e abusavam” (*O Malho*, nº 97. Anno 46, 02/1948, p. 25). “O cartaz dos Boca Negra”, criticava o sensacionalismo jornalístico em torno do grupo indígena denominado à época "Boca Negra" (termo genérico pra classificar muitos povos), cujos conflitos eram frequentemente explorados pela imprensa (*O Malho*, nº 103. Anno 46, 08/1949, p. 22). Merece atenção edição de fevereiro de 1949, que reproduzia a iconografia indígena de Hollywood (cocares de penas, machadinhas), sugerindo a influência da cultura de massa estadunidense no imaginário brasileiro sobre o "índio", que passava a ser consumido no carnaval (Figura 35):

Figura 34: Fantasias de indumentárias indígena americana



Fonte: Autor não identificado. *O Malho*, nº 109. Anno 47, 02/1949, pp. 30-31. Hemeroteca Digital Brasileira.

1950-1951: “Civilizados versus Aborígenes” tecia comentários sobre à hipocrisia política. Utilizando o exemplo da expulsão dos povos Boe (Bororo) antes e durante a construção de Brasília e a ocupação do Centro-Oeste, argumentava-se que a modernização configurava uma “selvageria disfarçada de progresso” (*O Malho*, nº 123. Anno 48, 04/1950, p. 25). A caricatura de Goulart (Figura 36), retratando indígenas vestidos como parlamentares, satirizava a inversão de valores entre a "barbárie" indígena e a "civilidade" política corrupta:

Figura 35: Caricatura de dois indígenas



Fonte: Arte por Goulart. *O Malho*, nº 123, 04/1950. Hemeroteca Digital Brasileira.

A crônica crítica “Simples formiguinhas”, vinculou a crítica às guerras mundiais à persistência do desejo colonial de civilizar o outro (*O Malho*, nº 134. Anno 49, 03/1951, p. 20). Na vertente do exotismo, o anúncio “Nosso teatro no Festival Britânico” celebrou a exportação de “cânticos telúricos” e rituais “fetichistas” de negros e indígenas como atrações de caráter “primitivo e inédito”, e folclore cultural (*O Malho*, nº 139. Anno 49, 08/1951, p.42).

1952-1953: Neste período, a revista indicou aos leitores obras voltadas à temática indígena, como *Terras e Índios do Alto Xingu* e *Cenas da Vida Indígena*, publicadas pelo historiador Manoel Rodrigues Ferreira (*O Malho*, nº 161. Anno 51, 06/1953, p. 42; *O Malho*, nº 150. Anno 50, 07/1952, p. 46). A presença do tema indígena mostrou-se pouco expressiva, restringindo-se a conteúdos de caráter informativo ou curioso, como verbetes encyclopédicos e indicações literárias, o que encerra um meio século de cobertura marcado pela oscilação entre a sátira política associada ao simbolismo nacional, a educação voltada à civilização e a exotização das populações indígenas.

4 PROPOSTA DE BALANÇO ANALÍTICO SOBRE A DISTRIBUIÇÃO DA TEMÁTICA INDÍGENA NA REVISTA *O MALHO*, 1902-1953

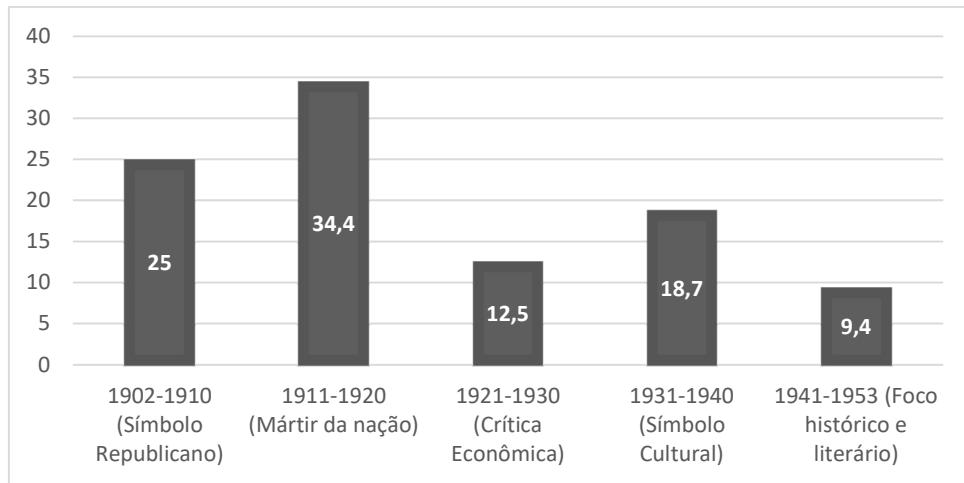
Este capítulo apresenta uma proposta de levantamento gráfico sistemático sobre a frequência da temática indígena na revista *O Malho* entre os anos de 1902 e 1953, a partir de três categorias de análise: o indígena como símbolo nacional, o indígena e a educação para a civilização e o indígena como figura exótica. Os gráficos que serão apresentados não cumprem função meramente ilustrativa ou de organização do tema; eles condensam os dados por período, evidenciam a recorrência do tema, suas inflexões e seu declínio, o que permitiu correlacionar as variações temáticas às mudanças políticas e editoriais do período. Para a composição dos gráficos, foram reunidos os dados do mapeamento cronológico (Apêndice A), em uma escala de 0 a 100 por categoria, por meio de intervalos decenais com focos analíticos pré-definidos, percebidos com maior recorrência em cada período. Ao quantificar a recorrência dessas representações e distribuí-las cronologicamente, foi possível determinar de que maneira essas categorias de análise nos ajudam a pensar o papel da revista como instrumento de educação informal do público sobre os povos indígenas e suas culturas.

4.1 O indígena como símbolo nacional

A análise de distribuição da temática indígena na revista *O Malho*, interpretada pelos critérios quantitativos e cronológico deste trabalho, nos permite observar padrões de permanência, inflexão e declínio na articulação do indígena como símbolo nacional principalmente nos seus primeiros vinte anos, período em que não havia políticas e debates públicos concretos com relação às populações indígenas no país (Ribeiro, 2019). Mais do que um mapeamento de ocorrências, a distribuição temporal da temática indica como a imprensa ilustrada atuou como meio de produção de sentidos sobre a nação, articulando imagem, política e pedagogia simbólica, distante da realidade social desses povos (Schwarcz, 2005; Ribeiro, 2014; Costa, 2013).

O Gráfico 1 sistematiza 32 ocorrências da representação do indígena como símbolo nacional entre 1902 e 1953, organizadas em intervalos decenais. A leitura desse dado mostra uma concentração significativa entre 1911 e 1920 (34%), seguida pelos períodos de 1902–1910 (25%) e 1931–1940 (19%). Já os intervalos de 1921–1930 (14%) e 1941–1953 (9%) apresentam uma retração da temática. Essa variação não é aleatória, ela acompanha mudanças editoriais do periódico frente ao debate político, à questão indígena e seu lugar simbólico no projeto nacional que deu continuidade à produção de “comunidades imaginadas” (Anderson, 2008; Carvalho, 1990).

Gráfico 1: Porcentagem da frequência temática de 1902 a 1953



Fonte: Elaborado pelo autor.

Nos anos iniciais da revista (1902–1910), nota-se uma frequência elevada da figura indígena enquanto alegoria republicana, mesmo em um contexto de declínio do romantismo literário frente ao positivismo, ao darwinismo social e ao evolucionismo (Ortiz, 2005). As oito ocorrências registradas nesse período coincidem com o esforço de consolidação simbólica do regime republicano, ainda marcado pela instabilidade institucional e pela necessidade de afirmação identitária. Naquele momento, o indígena aparece como figura satírica e carnavalesca, mobilizada em críticas políticas e morais, inclusive no controle estatal sobre festas populares. Do ponto de vista analítico, ao ilustrar a ideia de nação pela visualidade indígena, o periódico aliou-se ao imaginário histórico comum e heroico da época, que nas palavras de Almeida (2010), numa tentativa de garantir ao indígena um lugar especial.

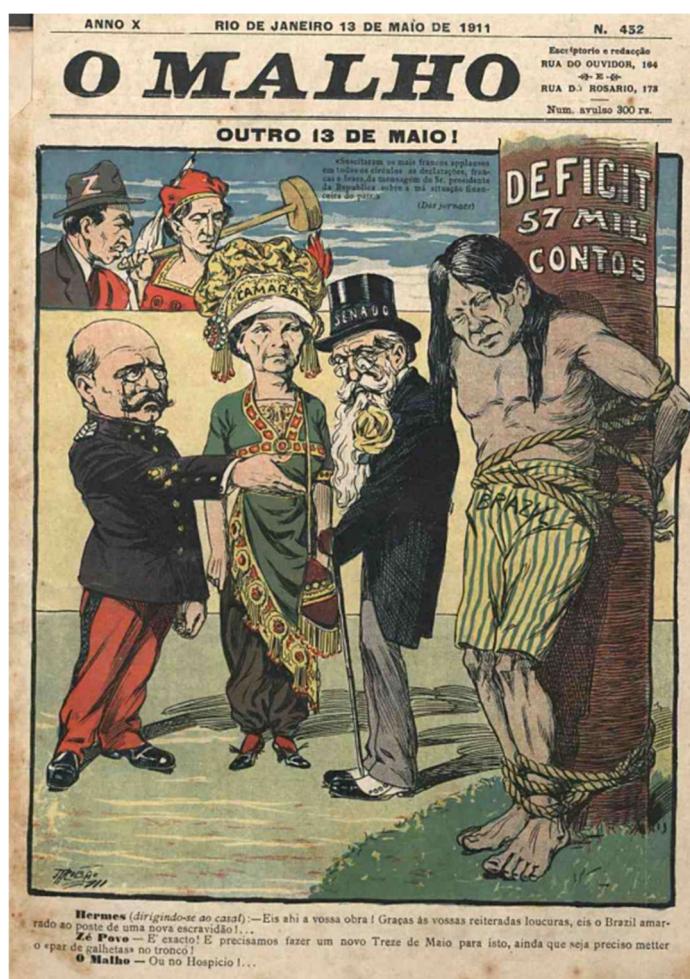
Isso explica os anos posteriores à 1911. O gráfico indica um crescimento expressivo desse tipo de representação, atingindo seu pico entre 1911 e 1920. Esse aumento quantitativo coincide com a intensificação das notícias em torno da expansão territorial, extermínio de povos indígenas causado pela frente de contato no interior do país e da institucionalização das políticas indigenistas, sobretudo após a criação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), em 1910 (Gagliardi, 1989; Gomes, 1988; Ribeiro, 2019). Mesmo diante dessa situação, as onze ocorrências registradas nesse intervalo são majoritariamente capas ilustradas sobre a imagem indígena romanticamente associada à ideia de nação, um conceito abstrato representado através da personificação (Burke, 2004).

A análise do período também revela uma proposta discursiva do indígena apresentado como mártir da nação e como instrumento de crítica aos gastos públicos e às políticas de

integração pelo traço caricatural e do humor satírico, que funcionavam como estratégias de aproximação com o leitor. Nesse sentido, o periódico pode ser compreendido como um dispositivo pedagógico informal (Lustosa, 2003; Burke, 2004). Ao educar o olhar para os sentimentos cívicos por meio da imagem, a figura do “índio-nação” operava como metáfora risível da identidade nacional, mesmo que naquele contexto houvesse uma distância entre a teoria (a ideia de um país civilizado) e a realidade (um país agrário) (Ortiz, 2005).

Entre 1921 e 1930, houve uma queda significativa na frequência da temática. As quatro ocorrências registradas nesse período alertam: o indígena deixa de figurar como herói ou mártir da nação, herança do indianismo alencariano (Schwarcz, 2005; Ribeiro, 2014), para representar a crise econômica e política da República. Essa inflexão pode ser compreendida pela discussão Burke (2004), quando o autor analisa a personificação como recurso visual recorrente na cultura política ocidental, a representação de entidades abstratas como nação, poder, justiça ou Estado, por meio de corpos humanos que exprimem significados políticos.

Figura 36: "Outro 13 de Maio!"



Fonte: Arte por Lobão. *O Malho*, nº 452. Anno 10, 13/05/1911. Hemeroteca Digital Brasileira.

Esse tipo de personificação pode ser visto na Figura 36, capa de 13 de maio de 1911, onde a crise institucional deixa de ser apenas um problema administrativo governamental para torna-se suplício do corpo indígena. Na imagem, a alegoria da nação aparece subjugada ao tronco do “Déficit de 57 mil contos”, transformando a dívida econômica em uma tortura física, uma analogia e memória da escravidão para denunciar aquele contexto republicano. O corpo do indígena é utilizado como suporte dessa personificação, por meio da figuração de um corpo adoecido, enfraquecido ou amarrado. Esse estratégia imagética que desloca o debate político para o plano do sensível, permitia que a crítica ao poder se materialize na degradação física do corpo alegórico da nação. Assim, a caricatura mostrava a conjuntura econômica e política, encenando visualmente a autoridade republicana, transformando a representação simbólica do indígena em uma ferramenta de combate crítica ao Estado.

Por outro lado, apresentando uma retomada moderada sobre recorte temático (19%), o período de 1931 a 1940, surgia sobre novas bases ideológicas editoriais. O indígena passa a ser mobilizado como símbolo cultural do nacionalismo varguista, menos satírico, porém mais patriótico, um exemplo da manipulação do imaginário em contextos de crise política (Carvalho, 1990). Ainda assim, a análise desse recorte temporal indica que o símbolo indígena permaneceu funcional, pois retornaria à ideia identitária de nação pela tradição, história e memória coletiva que começou no século XIX (Almeida, 2010). Colunas como as dedicadas ao “Vovô Índio” exemplificam a transformação do indígena em figura patriarcal, adequada à educação cívica do Estado Novo e as invenções de tradições (Anderson, 2008).

Como afirmam Burke (2004) e Carvalho (1990), a imagem constitui uma poderosa arma ideológica de controvérsias e n’*O Malho* não foi diferente. Em seus anos finais, de 1941 a 1953, o declínio da representação do indígena como símbolo nacional é direta. Com apenas três ocorrências de foco histórico e literário, o tema perde relevância em um contexto de reformulação editorial da revista e de mudança no regime visual da imprensa. O esgotamento do símbolo indica tanto o desgaste de sua eficácia alegórica quanto o deslocamento do debate indigenista para outros espaços institucionais, como relatórios técnicos, congressos e órgãos estatais.

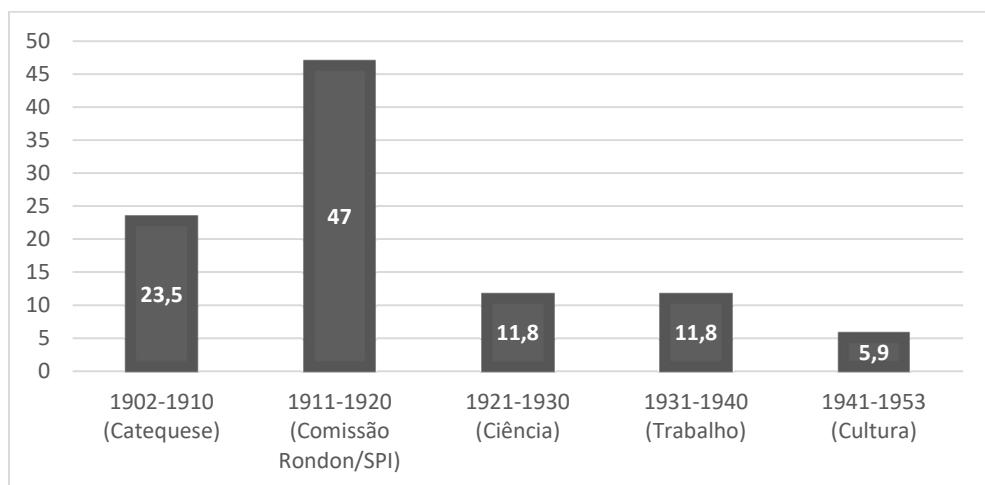
4.2 O indígena e a educação para a civilização

A categoria “educação para a civilização” em *O Malho* ganha maior densidade interpretativa quando observada a partir de suas ocorrências também em intervalos decenais. O Gráfico 2 nos permite compreender o discurso da educação civilizatória indígena não como um enunciado homogêneo, mas como uma prática que se transformou ao longo da existência do

periódico, refletindo a característica dos grandes impérios de definir a ordem civilizatória por meio de discursos oficiais, educando e legitimando o poder sobre o outro (Said, 2007).

O mapeamento indica um total de 34 publicações vinculadas à temática da educação e civilização indígena entre 1902 e 1953. A concentração desigual dessas ocorrências revela que o interesse editorial da revista pelo tema variou, o que sugere que a figura indígena era mobilizada de forma estratégica em determinados momentos históricos, em especial quando o debate público sobre território, nacionalidade e integração social se intensificava. Isso era consequência de um imaginário que se apropria de um conjunto de práticas e representações pela lógica do conquistador para o conquistado (Chartier, 2002; Lima, 1995).

Gráfico 2: Porcentagem da frequência temática de 1902 a 1953



Fonte: Elaborado pelo autor.

O gráfico expõe que o intervalo de 1902 a 1910 corresponde a 23,5% das ocorrências ancoradas no discurso da educação civilizatória promovida na catequese. O exame do impresso indica que, naquele momento, a educação do indígena só poderia ser concebida através da transformação moral e religiosa, que Paiva (1982) chamou de pacificação e catequese. Para os editores, esse processo era uma medida necessária aos povos indígenas, principalmente aqueles considerados “índios bravos”. Assim, seriam corrigidos, disciplinados e conduzidos à civilidade por meio da fé, da obediência e da submissão, mesmo que o convívio “pacífico” “[...] significava para eles a fome, a doença e o desengano” (Ribeiro, 2014, p. 169).

O percentual expressivo sugere que o periódico atuava como mediador de um projeto pedagógico informal, funcionando como espaço de legitimação de tais práticas. Os registros fotográficos por exemplo, exibindo indígenas uniformizados, sob a regência de padres salesianos, em postos escolares e tutelados por exploradores, alinhavam-se a educação à olhar

para o público, mesmo que as fotografias estivessem imersas em polêmicas associadas aos seus usos e funções (Mauad, 2008).

O segundo intervalo (1911–1920), responsável por 47% das ocorrências, representa o maior pico sobre o tema e constitui o principal ponto de inflexão do gráfico. Essa expressiva recorrência coincide com a criação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) e com a figura do Marechal Cândido Rondon, que tinham o plano de transformar o indígena em “cidadão nacional” (Lima, 1995). Neste ponto, os dados denotam que a questão indígena se tornava, naquele período, um problema de Estado debatido na esfera pública. Diante disso, o impresso promovia a “manipulação do imaginário social” (Carvalho, 1990) sobre os indígenas pela educação informal.

Sublinha-se que a educação para a civilização no período deixa de ser prioritariamente religiosa, como nos anos anteriores, passando a assumir um caráter científico, positivista e tutelar. Charges, fotografias e reportagens funcionaram como instrumentos de uma educação do olhar que ensinava o leitor a reconhecer a pacificação, o trabalho e a obediência como indicadores de progresso:

Figura 37: "Cuidemos do mais necessário"²²



Fonte: *O Malho*, nº 480. Anno 10, 25/11/1911, p. 19. Hemeroteca Digital Brasileira.

²² Legenda da charge: *A catequese oficial diante da vida ativa do Brasil*. Um brasileiro trabalhador: - Oh! Sr. tenente, deixe de fazer cocegas nos pobres Kaingangs, que vivem sossegados aí na calma dos sertões... O Sr. fará muito melhor em vir fazer valer as nossas eleições e os nossos direitos, para o verdadeiro engrandecimento do Brasil...

A charge “Cuidemos do mais necessário”, presente na Figura 37, publicada no impresso em 1911, articula uma crítica à “catequese oficial” promovida pelo SPI. Do ponto de vista histórico, e ao contrastá-la com a política da República Velha, a ilustração denunciava, por meio da percepção de um “brasileiro trabalhador”, que a “educação para a civilização” do indígena deveria deixar de ser uma prioridade governamental. A presença de brinquedos no chão e as posições estáticas dos Kaingang diante daquela situação são simbólicas, pois a representação infantilizada é proposital, sugerindo que a tentativa do Estado de integrá-los à civilização era ineficiente, uma vez que esses sujeitos não apresentavam perigo por serem dóceis como crianças. O *Malho*, ao tecer a crítica ao esforço pedagógico estatal, posicionava-se contra a tutela indígena, não a favor dos Kaingang, mas como forma de denunciar um ato de distração que desviava o governo de sua obrigação civilizatória; da garantia dos direitos dos cidadãos integrados, o que revela uma visão do indígena visto mais como um estorvo do que como um cidadão republicano.

No período seguinte (1921–1930), houve uma queda acentuada, com apenas 11,8% das ocorrências. A retração desse indicativo sugere um deslocamento do interesse editorial. Mesmo que o tema não desapareça, como foi demonstrado no mapeamento, ele passou a ser abordado com uma repaginação interpretativa, especialmente vinculada ao higienismo e à medicina social. Nessa direção, a educação para a civilização desloca-se para a ciência médica: o corpo indígena é representado como foco de doenças, degeneração ou vulnerabilidade, uma propaganda para intervenções sanitárias registrada também pela fotografia, vista no passado como “testemunha” (Mauad, 2008).

Com o mesmo percentual de 11,8%, o recorte temporal de 1931 e 1940 apresentava-se em um novo contexto. Sob o nacionalismo do período varguista, o indígena é progressivamente ressignificado editorialmente em prol do progresso. Naquele contexto, a educação para a civilização passa a estar associada ao trabalho e à produtividade, segundo o ideário capitalista republicano. Gagliardi (1989) explica essa lógica em razão da expansão mercantil e como forma de ocupação territorial, particularmente em territórios indígenas. Sendo assim, a mudança editorial sobre o tema recaía sobre a utilidade desses sujeitos incorporados ao mundo do trabalho e pela busca do governo em transformar o indígena em “trabalhador da floresta”, integrado ao projeto de Vargas conhecido como “Marcha para o Oeste” (Garfield, 2000). Gradativamente, o “índio” tido como ocioso e incivilizado deixava de ser visto como estorvo para ser considerado mão de obra qualificada.

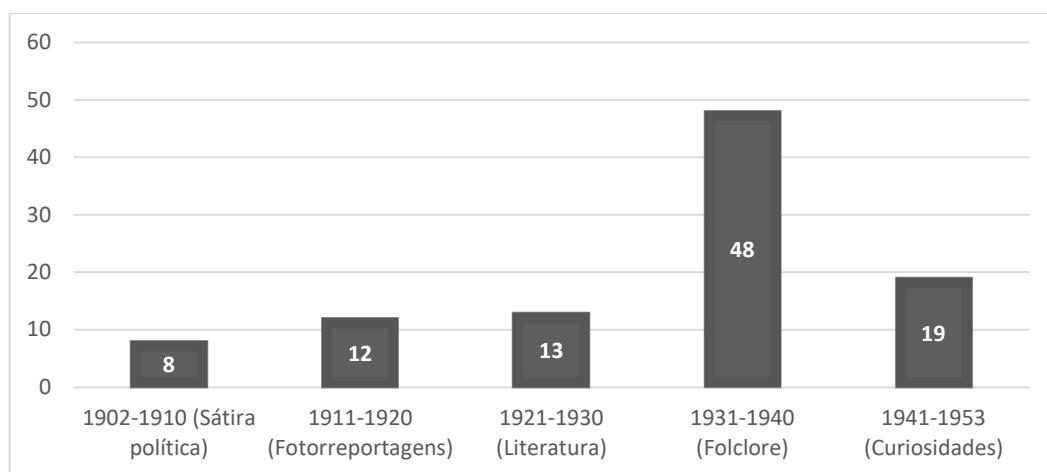
No último período (1941–1953), com apenas 5,9% das ocorrências, chama atenção novamente o esgotamento progressivo da temática indígena n’*O Malho*. O interesse sobre a

representação simbólica ou de suas culturas ocupou menor lugar na agenda editorial. Quando presentes, os assuntos sobre eles apareciam associados ao trabalho, à cultura material ou a registros históricos, já distante da retórica da catequese e progresso que marcou os períodos anteriores. Analiticamente, os dados apontam o declínio do tema educação para a civilização enquanto projeto concreto governamental, que havia se tornado secundário diante de outros assuntos referentes à modernidade urbana e industrial no impresso.

4.3 O indígena como figura exótica

Outro campo de representação relevante em *O Malho* foi à associação do indígena e de suas culturas à produção do exótico, uma forma de consumo simbólico pela sociedade urbana, que pode ser compreendida, segundo Certeau (1982), a partir do espaço da diferença que destina ao outro o lugar de “selvagem”. O fato é que, dois anos após o encerramento das atividades da revista (1953), “a Amazônia, o Tibete e a África invadem as lojas sob a forma de livros de viagens, relatórios de expedições e álbuns de fotografias” (Lévi-Strauss, 1986, p. 12).

Gráfico 3: Porcentagem da frequência temática de 1902 a 1953



Fonte: Elaborado pelo autor.

Diferentemente das categorias anteriormente analisadas (o simbolismo nacional e educação para a civilização), o exótico operava como dispositivo cultural de mediação da diferença. Nos anos de 1902 a 1910, a categoria do exótico representa apenas 8% das ocorrências no Gráfico 3. Esse dado mostra que, na fase inaugural da revista, a imagem indígena era mobilizada prioritariamente como recurso alegórico da sátira política, e não como objeto sistemático de curiosidade cultural.

Todavia, essa conjuntura não impediu a manifestação do exotismo, pois essa categoria é percebida no humor das caricaturas, como nas charges sobre as fantasias de “índio”, uma das mais populares entre os foliões daquele período (Cunha, 2001). DaMatta (1997) explica que a escolha é intencional, pois é no carnaval que se permite a inversão e a apropriação de maneira segura na brincadeira de ser o “outro”, principalmente de figuras periféricas.

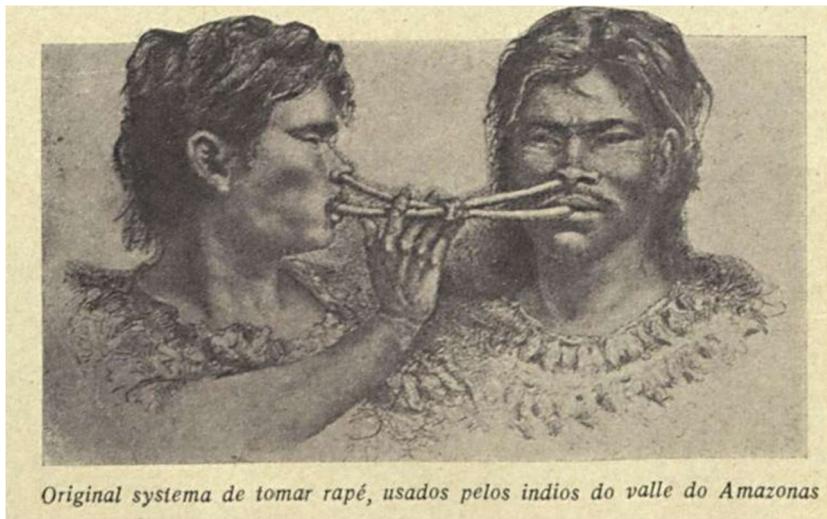
Em outros momentos, o periódico classificava como bizarros indígenas vestidos e até mesmo com barba, características vistas como excêntricas e fora do comum, utilizando do humor para deduzir que esses sujeitos estariam simulando o homem civilizado. A concepção exótica também aparecia nas reflexões sobre o tédio da civilização, nas comparações entre a vida urbana ou a dita “selvagem”, refletindo problemas acerca da perda da capacidade de sentir a vida devido à rotina (Ginzburg, 2001).

A partir de 1911, ocorreu um crescimento progressivo da temática, alcançando 12% entre 1911 e 1920, e 13% entre 1921 e 1930. Esse aumento exprimia dois processos históricos: a consolidação da cultura visual moderna, marcada pela popularização da fotografia e das fotorreportagens, e a institucionalização de saberes científicos voltados à classificação racial e cultural promovida por museus e pelo mercado etnográfico (Schwarcz, 2005). Nesse período, o indígena passa a ser apresentado com maior frequência nas categorias de “tipos humanos”, sobretudo em registros fotográficos, processo que tornava a fotografia, além de representativa, um registro incriminatório (Sontag, 2004).

O caráter pedagógico da exotização ocorreu de maneira mais significativa entre 1931 e 1940, quando essa categoria atinge 48% das ocorrências, o maior índice de todo o gráfico. Esse crescimento pode ser interpretado diante do contexto do Estado Novo e da censura à sátira política. Impedida de atuar plenamente como crítica política, a revista contextualiza a representação indígena em “cenas primitivas” etnográficas. Parte disso também diz respeito à forma como a ciência ocidental construiu sua autoridade, descrevendo e registrando o outro como figura exótica (Certeau, 1982; Sontag, 2004).

O exame do período também nos mostra que a figura do indígena como exótica deixa de atuar em publicações pontuais para se tornar uma estratégia editorial central, articulada para a propaganda do nacionalismo cultural, ao folclore e ao sensacionalismo visual dos trópicos. Se antes a figura do “índio” era utilizada para criticar as ações governamentais, a década de 1930 denota que o impresso retomou algumas características do romantismo, como a valorização de uma suposta pureza, do heroísmo, do exotismo e da autenticidade brasileira (Jaguaribe, 2007).

Figura 38: "Original sistema de tomar rapé, usados pelos índios do valle do Amazonas"



Fonte: *O Malho*, nº 1.522. Anno 31, 20/11/1932, p. 22. Hemeroteca Digital Brasileira.

A Figura 38, intitulada “Original systema de tomar rapé”, inserida na matéria “Usos e costumes Guarany” de 1932, é um exemplo da construção midiática do indígena como uma figura exótica para o público urbano. Para o corpo da publicação, que assumia progressivamente um tom religioso, os editores, por meio da generalização sobre a medicina tradicional do rapé, misturavam etnias e territórios. O título indicava os Guaranis do sul, enquanto a legenda da ilustração citava o “vale do Amazonas”. Outra questão é que, ao recorrer a uma estética universal do que se imaginava ser um “índio” na década de 1930, o conteúdo congelava as culturas indígenas no campo da superstição, do bizarro e de hábitos estranhos. A imagem não cumpre a função etnográfica de ilustrar a consagração do rapé, mas a de entretenimento ou, como sugere o próprio texto, a de demonstrar como aqueles “selvagens”, com traços de uma “raça primitiva muito cruel” e de “natural fealdade”, estavam fadados ao regresso civilizatório sem a ajuda dos missionários e do trabalho da catequese (*O Malho*, nº 1.522, Anno 31, 20/11/1932, pp. 22-23).

No período final, entre 1941 e 1953, a retração para 19% das ocorrências não significa o desaparecimento da exotização, mas sua estabilização. O gráfico analisado em conjunto com o mapeamento, aponta que o tema perde destaque diante de outras pautas editoriais. O indígena permanece como figura exótica, mas agora situado em debates nacionais mais amplos, funcionando como curiosidade cultural genérica, esvaziada de densidade histórica. No fim, a exotização do indígena na imprensa não apenas refletiu o seu valor no mercado cultural, mas também contribuiu como um vetor de educação visual, ensinando o leitor a observar, comparar e consumir a diferença cultural. O gráfico, nesse sentido, não é apenas ilustrativo, mas constitui uma evidência de como as estratégias visuais veiculadas pela imprensa ilustrada ao longo da

primeira metade do século XX, foram fundamentais para a mercantilização do indígena como figura exótica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação permitiu concluir que a revista *O Malho* (1902–1953), para além de sua função como veículo de sátira política e entretenimento, operou como um dispositivo pedagógico informal ao longo de cinco décadas. Neste período, o periódico construiu e ensinou modos de ver sobre os povos indígenas, forjando um imaginário social que naturalizou a tutela estatal e a subalternização étnica sob a ideia de “civilização”. A educação do olhar causada pela revista também integrou um projeto amplo de nacionalização simbólica, no qual o indígena figurava como alegoria cívica, como obstáculo ao progresso e também como curiosidade exótica.

O mapeamento cronológico, objetivo central do estudo foi atingido por meio da análise de 2.099 edições presentes na Hemeroteca Digital, resultando em um inventário documental que evidenciou a frequência da temática indígena e suas adaptações às conjunturas políticas. Nos primeiros anos republicanos, a representação indígena foi mobilizada como instrumento como instrumento de combate político, durante e após o Estado Novo suas representações foram reconfiguradas pelo nacionalismo varguista, pelo ideário civilizatório e pela estetização para o exótico. A pesquisa ainda nos mostra que a imprensa ilustrava também foi espaço privilegiado de mediação entre cultura política, educação informal e construção de imaginário racial.

Ao identificar três eixos estruturantes (o indígena como símbolo nacional, como sujeito da educação para a civilização e como figura exótica) a pesquisa contribui para a História da Educação ao discutir que processos formativos extrapolam os muros escolares. A alfabetização visual promovida por *O Malho* demonstra que a cultura impressa foi um caminho na consolidação de percepções e imaginários sobre os povos indígenas, muitas das quais ainda informam práticas sociais e discursos contemporâneos.

No campo do ensino de História Indígena, em diálogo com a Lei nº 11.645/2008, o estudo oferece uma contribuição relevante, ao cruzar a representação indígena na análise dos dispositivos que as produziram, abrindo um leque de possibilidades para se trabalhar a temática articulada aos problemas históricos. A utilização crítica de periódicos ilustrados em sala de aula permite desenvolver letramento visual, análise de fontes iconográficas e problematização das matrizes coloniais que estruturaram o imaginário nacional.

Desse modo, mais do que repertório imagético, a escolha d'*O Malho* como fonte do estudo o sublinha como um documento histórico privilegiado para compreender como se

ensinou a ver o indígena na Primeira República e no período varguista. Ao revelar os mecanismos e recorrências editoriais que sustentaram essa pedagogia informal, a pesquisa contribui para uma abordagem decolonial do ensino de História, na medida em que afasta o indígena da posição de mero objeto representado para a análise crítica das estruturas gráficas que produziram sua representação.

FONTES

Archivos Rio-Grandenses de Medicina, 10/1938. Disponível em:
https://www.muham.org.br/biografiasdigitalizadas/05103d6ba26208a36c2d95a034b9340d/ati_175.pdf. Acesso em: 20 jul. 2025.

Careta, Rio de Janeiro, 20/02/1909, 06/03/1909. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/careta/083712>. Acesso em: 4 mar. 2025.

Fon-Fon!, Rio de Janeiro, 18/02/1909, 24/02/19011. Disponível em:
<https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/fon-fon/259063>. Acesso em: 4 mar. 2025.

Kósmos, Rio de Janeiro, 05/1904. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/kosmos/146420>. Acesso em: 4 mar. 2025.

O Estado, Florianópolis, 01/09/1971, 02/09/1976. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/doctreader/DocReader.aspx?bib=884120&pagfis=24420>. Acesso em: 20 jul. 2025.

O Malho, Rio de Janeiro 1902-1953. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/O-malho/116300>. Acesso em: 4 mar. 2025.

Revista Illustrada, Rio de Janeiro, 21/01/1888, 06/07/1889. Disponível em:
<https://bndigital.bn.br/acervo-digital/revista-illustrada/332747>. Acesso em: 4 mar. 2025.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BANIWA, Gersem. História Indígena no Brasil Independente: da ameaça do desaparecimento ao protagonismo e cidadania diferenciada. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 26, n. 1, p. 9-32, 2023.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2017.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (org.). **Leitura**: práticas, impressos, letramentos. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BERGER, John. **Modos de ver**. São Paulo: Fósforo, 2023.

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre a significação do cômico. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília: Presidência da República, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 7 dez. 2025.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.

CAMPOS, Raquel Discini de. **A educação entre a ética e a estética**: os álbuns ilustrados paulistas (1915-1929). Uberlândia: Editora EDUFU, 2023.

CAMPOS, Raquel Discini de. No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 12, n. 1, p. 45-70, 2012.

CAMPOS, Raquel Discini de; GUILLIER, Béatrice. Subversão e reiteração na representação do mundo na imprensa infantil franco-brasileira: considerações sobre *La Semaine de Suzette* e *O Tico-Tico* em 1905. **Revista História da Educação**, v. 28, p. 1-22, 2024.

CARDOSO, Rafael. **Modernidade em preto e branco**: arte e imagem, raça e identidade no Brasil, 1890-1945. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn (org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

COSTA, Angela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **1890-1914**: no tempo das certezas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COSTA, Richard Santiago. Índios em preto e branco: o corpo indígena, a arte oficial e o discurso político na imprensa carioca no pós-1870. **Revista Interfaces**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 101-117, 2013.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da folia**: uma história social do carnaval da Belle Époque às vésperas do Estado Novo. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis:** para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (org.). **História da imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2012.
- FERREIRA, Manuel Rodrigues. **Ferrovia do Diabo.** São Paulo: Melhoramentos, 1960.
- GAGLIARDI, José Mauro. **O indígena e a República.** São Paulo: Hucitec, 1989.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antônio Augusto Gomes (org.). **Leitura:** práticas, impressos, letramentos. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território plural:** a pesquisa em História da Educação. São Paulo: Ática, 2010.
- GARFIELD, Seth. As raízes de uma planta que hoje é o Brasil: os índios e o Estado-Nação na era Vargas. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 20, n. 39, p. 15-42, 2000.
- GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira:** nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GOMES, Mércio Pereira. **Os índios e o Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1988.
- GONÇALVES, Roberta Ferreira. **As Aventuras d'O Tico-Tico:** formação infantil no Brasil Republicano (1905-1962). 2019. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.
- GONÇALVES, Roberta Ferreira. *O Malho*, a imprensa empresarial e a criação da revista *O Tico-Tico. Brasiliiana: Journal for Brazilian Studies*, v. 9, n. 1, p. 259-277, 2020.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil:** sua história. São Paulo: EdUSP, 2017.
- HOLLER, Marcos. **Os jesuítas e a música no Brasil colonial.** Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- JAGUARIBE, Beatriz. **O choque do real:** estética, mídia e cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- KAMBEBA, Márcia Wayna. **Poemas e crônicas:** Ay Kakyri Tama = Eu moro na cidade. Manaus: Grafisa, 2013.
- KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, 2006.
- KREUTZ, Lúcio. História da educação a partir da perspectiva de etnia: reflexões introdutórias. **Revista História da Educação**, v. 1, n. 2, p. 127–143, 2012.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Papirus, 1989.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. Lisboa: Edições 70, 1986.
- LIMA, Antonio Carlos de Souza. **Um grande cerco de paz: poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1963.
- LOPES, Lara. **Ver e ser vista: star system e cultura visual nas revistas ilustradas da Sociedade Anônima O Malho**. 2019. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.
- LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos: trajetórias e perspectivas analíticas. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.
- LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.
- MAUAD, Ana Maria. **Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografias**. Niterói: Editora da UFF, 2008.
- MOREIRA, Kênia Hilda; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (org.). **Impressos que educam**. v. 1. Campinas: Mercado de Letras, 2022.
- NAPOLITANO, Marcos. **História do Brasil República: da queda da Monarquia ao fim do Estado Novo**. São Paulo: Contexto, 2016.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- PAIVA, José Maria de. **Colonização e catequese, 1549-1600**. São Paulo: Cortez, 1982.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- PORTO, Ângela. **Barão do Rio Branco e a caricatura: coleção e memória**. Rio de Janeiro: FUNAG, 2012.
- RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno**. 6. ed. São Paulo: Global, 2019.
- RIBEIRO, Rondinele Aparecido. O projeto de criação da identidade nacional: o projeto alencariano. **Revista Ribanceira**, v. 3, n. 2, p. 64–74, 2014.

RODRIGUES, Eylo Fagner Silva. Pequenos fujões: trabalho infantil doméstico em Fortaleza no final do século XIX e começo do século XX. **Almanack**, Guarulhos, n. 32, p. 1-35, 2022.

ROSA, Zita de Paula. **O Tico-Tico**: meio século de ação recreativa e pedagógica. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

SAID, Edward. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil**: República: da Belle Époque à Era do Rádio. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso**: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Imagens da branquitude**: a presença da ausência. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI**: no loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SONTAG, Susan. **Sobre a fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Sauloéber Tarsio de. A categoria etnia na pesquisa histórico-educacional brasileira: estado da arte a partir de revistas especializadas. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 16, n. 2, p. 554–574, 2017.

VELLOSO, Monica Pimenta. As distintas retóricas do moderno. In: OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Monica Pimenta; LINS, Vera (org.). **O moderno em revistas**: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

VELLOSO, Monica Pimenta. **Modernismo no Rio de Janeiro**: Turunas e Quixotes. Rio de Janeiro: KBR, 2015.

APÊNDICE A – A RECORRÊNCIA DA TEMÁTICA INDÍGENA NA REVISTA O MALHO (1902-1953) EM TABELAS CRONOLÓGICAS

Tabela 1: 1902 a 1904

Título	Edição e página	Tema	Link de acesso
--------	-----------------	------	----------------

No café	nº 2, p. 14	Crônica sobre civilização indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1902_00002.pdf
Chronica	nº 2, p. 6	Crônica sobre Leolinda Daltro e indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1902_00002.pdf
A lei da imitação	nº 63, p. 7	Charge sobre morte de indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1903_00063.pdf
7 de setembro	nº 104, p. 1	Capa com alegoria indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1904_00104.pdf
Interior	nº 109, p. 15	Notícia sobre recusa de armamento por indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1904_00109.pdf

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 2: 1905

Título	Edição e página	Tema	Link de acesso
Os índios Bororos no catete	nº 121, p. 3	Charge indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1905_00121.pdf
Echos da Pandega	nº 130, p. 22	Fantasia indígena no carnaval	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1905_00130.pdf
Batinas desconcertadas	nº 155, p. 35	Charge religiosa	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1905_00155.pdf
Aventuras do zé caipora	nº 163, pp. 14-15	História em quadrinhos com indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1905_00163.pdf
Aventuras do zé caipora	nº 164, pp. 20-21	História em quadrinhos com indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1905_00164.pdf
Aventuras do zé caipora	nº 165, pp. 28-29	História em quadrinhos com indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1905_00165.pdf
Aventuras do zé caipora	nº 167, pp. 28-29	História em quadrinhos com indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1905_00167.pdf
Aventuras do zé caipora	nº 169, pp. 28-29	História em quadrinhos com indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1905_00169.pdf
O coronel	nº 170, p. 22	Crônica	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1905_00170.pdf
Aventuras do zé caipora	nº 170, pp. 28-29	História em quadrinhos com indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1905_00170.pdf
Aventuras do zé caipora	nº 172, pp. 28-29	História em quadrinhos com indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1905_00172.pdf

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 3: 1906

Título	Edição e página	Tema	Link de acesso
As aventuras do zé caipora	nº 177, pp. 20-21	História em quadrinhos com indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1906_00177.pdf
Falta de intérprete	nº 189, p. 9	Charge indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1906_00189.pdf
Pobres índios	nº 202, p. 34	Charge indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1906_00202.pdf
Assunto paulista	nº 210, p. 17	Charge indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1906_00210.pdf

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 4: 1907

Título	Edição e página	Tema	Link de acesso
Criança indígena domesticada	nº 237, p. 18	Fotografia familiar	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1907_00237.pdf
Nos confins do Brasil	nº 261, p. 31	Fotografia de dois indígenas domesticados	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1907_00261.pdf
Em Goyaz	nº 262, p. 26	Fotografia do chefe indígena Acary	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1907_00262.pdf
Uso e costumes	nº 271, p. 11	Fotografia de pessoas fantasiadas de indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1907_00271.pdf
Horrível!	nº 274, p. 15	Reportagem fotográfica de ataque indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1907_00274.pdf
No extremo Norte do Brasil	nº 276, p. 8	Fotografia de indígenas Jamamadi	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1907_00276.pdf

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 5: 1908

Título	Edição e página	Tema	Link de acesso
História para nossos netos	nº 282, p. 32	Charge políticos com fantasias de indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1908_00282.pdf
Civilização pelo trabalho	nº 286, p. 29	Fotografia de indígenas Boe (Bororo)	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1908_00286.pdf

Uma ideia para o Dr. Oswaldo Cruz	nº 288, p. 6	História em quadrinhos	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1908_00288.pdf
Colar mágico	nº 290, p. 27	Charge sobre indígenas Aymorés	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1908_00290.pdf
Música indígena	nº 296, p. 25	Charge orquestra indígena Boe (Bororo)	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1908_00296.pdf
Interessantíssimo	nº 298, p. 25	Fotografia de indígena Boe (Bororo) catequisado	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1908_00298.pdf
Missão salesiana em Mato Grosso	nº 301, p. 4	Fotografia orquestra indígena Boe (Bororo)	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1908_00301.pdf
Uma relíquia	nº 303, p. 6	Fotografia de coronel indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1908_00303.pdf
Exposição Nacional	nº 319, p. 49	Pintura de indígenas Guarani Kaiowá	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1908_00319.pdf
Na exposição	nº 319, p. 34	Charge sobre indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1908_00319.pdf
Apresentação dos bororós	nº 323, p. 22	Charge orquestra indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1908_00323.pdf
A causa da extermínio dos índios	nº 326, p. 22	Charge religiosa	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1908_00326.pdf

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 6: 1909

Título	Edição e página	Tema	Link de acesso
Carnaval de 1909	nº 331, p. 13	Charge sobre censura de fantasia indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1909_00331.pdf
Na boca do lobo	nº 331, p. 17	Charge sobre censura de fantasia indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1909_00331.pdf
A proibições dos índios	nº 331, p. 44	Charge sobre censura de fantasia indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1909_00331.pdf
Indiofobia em três quadros	nº 332, p. 33	Charge sobre censura de fantasia indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1909_00332.pdf
Pessoas e coisas constitucionais	nº 332, p. 40	Charge sobre censura de fantasia indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1909_00332.pdf
Lição ao bom senso	nº 334, p. 6	Charge sobre censura de fantasia indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1909_00334.pdf
Pontos de vistas	nº 334, p. 21	Charge sobre indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1909_00334.pdf
Os selvícolas do Brasil	nº 339, p. 5	Fotografias de indígenas Xerentes	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1909_00339.pdf

			909_00339.pdf
Os índios da professora dos... outros	nº 339, p. 46	Charge sobre Leolinda Daltro	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1909_00339.pdf
Os selvícolas do Brasil	nº 340, p. 14	Fotografias de indígenas Krahô e Xerente	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1909_00340.pdf

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 7: 1910

Título	Edição e página	Tema	Link de acesso
Colonização ‘ovo de colombo’	nº 388, p. 13	Charge crítica sobre a catequese	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1910_00388.pdf
A nova catequese dos índios	nº 399, p. 19	Charge crítica sobre a catequese	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1910_00399.pdf
Exposição Nacional de... ‘avanças’	nº 405, p. 16	Charge sobre exposição indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1910_00405.pdf
O Serviço de Proteção aos Índios	nº 418, p. 24	Charge sobre o SPI	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1910_00418.pdf

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 8: 1911

Título	Edição e página	Tema	Link de acesso
Explorações da catequese, como se procura engazopar o governo	nº 434, p. 33	Reportagem jornalística	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1911_00434.pdf
Furo carnavalesco	nº 438, p. 8	Crônica humorística	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1911_00438.pdf
Carnaval político em S. Paulo	nº 441, p. 7	Caricatura indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1911_00441.pdf
Despejando o saco	nº 443, p. 14	Crônica sobre catequese	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1911_00443.pdf
Semi Sans Dessous...	nº 443, p. 27	Fotografia de mulheres indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1911_00443.pdf
Catequese particular	nº 446, p. 51	Fotografia de criança indígena catequisada	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1911_00446.pdf

Serviço de proteção aos índios	nº 449, p. 36	História em quadrinhos	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1911_00449.pdf
Outro 13 de maio	nº 452, p. 1	Capa com alegoria indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1911_00452.pdf
Salada da Semana	nº 455, p. 27	Catequese Kaingang	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1911_00455.pdf
A catequese leiga	nº 464, p. 21	Sátira a Cândido Rondon	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1911_00464.pdf
Amigos somos ‘brabos’ não sejam!	nº 469, p. 19	Charge humorística sobre C. Rondon	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1911_00469.pdf
Catequese de bobagem	nº 469, p. 46	Charge humorística sobre C. Rondon	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1911_00469.pdf
Cuidemos do mais necessário	nº 480, p. 19	Charge crítica a catequese de indígenas Kaingang	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1911_00480.pdf
Serviço de proteção ao... exército	nº 480, p. 22	Charge crítica a SPI	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1911_00480.pdf
Os positivistas militares	nº 482, p. 19	Charge crítica a catequese indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1911_00482.pdf
Catequese religiosa no Pará	nº 482, p. 39	Fotografia indígenas catequisados gamelas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1911_00482.pdf

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 9: 1912

Título	Edição e página	Tema	Link de acesso
Os nossos selvícolas	nº 487, p. 45	Reportagem fotográfica	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1912_00487.pdf
No Alto Juruá	nº 514, p. 31	Reportagem fotográfica	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1912_00514.pdf
A catequese no Alto Juruá	nº 514, p. 43	Fotografia de indígenas catequisados	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1912_00514.pdf
Os nossos selvícolas	nº 522, p. 18	Fotografia de indígenas Karipunas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1912_00522.pdf
O Brasil interior	nº 526, p. 23	Reportagem fotográfica	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1912_00526.pdf
O progresso acreano	nº 526, p. 49	Fotografia de criança indígena tutelada	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1912_00526.pdf
Os nossos selvícolas	nº 528, p. 52	Fotografia de indígenas Kaingangs	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1912_00528.pdf

Os nossos selvícolas	nº 528, p. 54	Fotografia de indígenas Guaranis	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1912_00528.pdf
Os índios do Paraná	nº 529, p. 14	Fotografia de indígenas Guaranis	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1912_00529.pdf
Como os padres catequisam os selvícolas	nº 530, p. 28	História em quadrinhos sobre indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1912_00530.pdf
Crônica	nº 531, p. 8	Crônica que cita o SPI e a catequese	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1912_00531.pdf
Por causa dos índios	nº 531, p. 13	Charge religiosa	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1912_00531.pdf
Pelos índios	nº 534, p. 50	Fotografia de indígenas Kaingangs	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1912_00534.pdf

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 10: 1913

Título	Edição e página	Tema	Link de acesso
Pelos índios	nº 538, p. 16	Reportagem fotográfica	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1913_00538.pdf
Nos sertões paraenses	nº 544, p. 20	Fotografia de dois pacificadores de indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1913_00544.pdf
Pelos selvícolas	nº 544, p. 43	Fotografia de “índios mansos” Guarani	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1913_00544.pdf
Entre os índios coroados	nº 561, p. 45	Fotografia comissão geodésica	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1913_00561.pdf
Ainda há justiça no Amazonas!	nº 573, p. 42	Notícia jornalística	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1913_00573.pdf
A intervenção no Amazonas	nº 575, p. 13	Charge política com alegoria indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1913_00575.pdf

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 11: 1914

Título	Edição e página	Tema	Link de acesso
Classificação de Brasileiros	nº 592, p. 6	Fotorreportagem científica com indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1914_00592.pdf
O Brasil desconhecido	nº 592, p. 12	Fotorreportagem científica com indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1914_00592.pdf

No Maranhão também é assim...	nº 605, p. 43	Charge política com alegoria indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1914_00605.pdf
Quadro animador	nº 611, p. 1	Capa com alegoria indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1914_00611.pdf
Quadros da guerra: A ferocidade humana	nº 622, p. 19	Charge política com alegoria indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1914_00622.pdf
A lição dos caboclos	nº 631, p. 28	Charge indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1914_00631.pdf
Novo angu do partidário do Pará	nº 638, p. 15	Charge política com alegoria indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1914_00638.pdf
Natal político	nº 641, p. 1	Capa com alegoria indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1914_00641.pdf

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 12: 1915

Título	Edição e página	Tema	Link de acesso
Nos confins do Brasil	nº 645, p. 14	Fotorreportagem com indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1915_00645.pdf
Paraguassú	nº 652, p. 23	Conto indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1915_00652.pdf
O palacetes das selvas	nº 654, p. 35	Fotografia de uma oca indígena no Amazonas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1915_00654.pdf
Tupan	nº 657, p. 29	Conto	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1915_00657.pdf
Carnaval por toda parte	nº 658, p. 30	Fotografia de não indígenas fantasiados de “índio”	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1915_00658.pdf
No sertão de Goyaz	nº 667, p. 30	Fotografia de indígenas Akwê (Xerente)	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1915_00667.pdf

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 13: 1916 a 1918

Título	Edição e página	Tema	Link de acesso
Salada	nº 701, p. 20	Charge com legenda do indígena como alegoria nacional	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1916_00701.pdf
Pela águia: contra os urubus!	nº 752, p. 1	Capa com representação do indígena como alegoria nacional	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1916_00725.pdf

Pelos selvícolas: a selvageria da civilização	nº 752, p. 43	Artigo ilustrado sobre assassinatos de indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1916_00725.pdf
Crônica	nº 778, p. 12	Sátira sobre indígenas com barba	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1917_00778.pdf
Crônica	nº 779, p. 17	Sátira sobre indígenas com barba	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1917_00779.pdf
A obediência do índio	nº 801, p. 25	Charge de humor antropofágico	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1918_00801.pdf
Os nossos indígenas	nº 823, p. 10	Fotografia de indígenas Kayapós durante alimentação	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1918_00823.pdf
Justiça de índio	nº 824, p. 9	Lenda indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1918_00824.pdf

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 14: 1919 a 1920

Título	Edição e página	Tema	Link de acesso
Notas da semana	nº 882, p. 21	Artigo sobre Rondon e uma criança indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1919_00882.pdf
Ubirajara	nº 882, pp. 36-37	Curiosidade da língua indígena Guarani	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1919_00882.pdf
O Brasil cinematográfico e o Brasil geográfico	nº 890, p. 24	Fotografia <i>typo</i> de indígena Parkatejê (Gavião)	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1919_00890.pdf
O grande remédio	nº 914, p. 1	Indígena como alegoria nacional	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1920_00914.pdf
O mártir	nº 952, p. 1	Indígena como alegoria nacional	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1920_00952.pdf

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 15: 1921 a 1930

Título	Edição e página	Tema	Link de acesso
Num mundo de assombramentos	nº 962, pp. 12-14	Conto com a presença indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1921_00962.pdf
As tragédias do sertão	nº 962, p. 22	Reportagem sobre morte de funcionários públicos por indígenas Anunsu (Nambikwara)	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1921_00962.pdf

Bugrelândia	nº 1008, p. 25	Representação do indígena como símbolo nacional	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1922_01008.pdf
Ao valente Ignotus	nº 1009, p. 47	Charada de indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1922_01009.pdf
A Yara	nº 1017 pp. 43- 45 a 1018, pp. 31- 32	Conto indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1922_01017.pdf
Fatos e Curiosidades	nº 1026, p. 17	Curiosidade sobre missionário e indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1922_01026.pdf
Notas da Semana	nº 1045, p. 82	Notícia sobre a estátua de Cuauhtémoc, imperador indígena asteca, presente do México para o Brasil	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1922_01045.pdf
Exposição Levino Fanzeres	nº 1059, p. 46	Mostra de arte com quadros de indígenas feitos pelo artista, na Galeria Jorge, Rio de Janeiro	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1922_01059.pdf
Ao Carlos Costa	nº 1078, p. 51	Charada de indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1923_01078.pdf
Que gloriosos paulistas!	nº 1086, p. 6	Poema sobre bandeirantes e indígenas antropófagos	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1923_01086.pdf
Teatros, a resistência dos canastrões	nº 1132, p. 29	Artigo sobre a beleza indígena da atriz Itala Ferreira, filha de pai Guarani, um “índio autêntico”	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1924_01132.pdf
A phospho calcina iodada	nº 1218, p. 38	Propaganda de remédio com fotos de dois indígenas do Amazonas com pernas recém amputadas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1926_01218.pdf
A filosofia do caboclo	nº 1357, p. 4	Crônica sobre a estátua indígena do monumento Dois de Julho no Largo Campo Grande, em Salvador	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1928_01357.pdf
O Brasil sem defesa	nº 1367, p. 25	Charge de indígena como símbolo nacional	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1928_01367.pdf
Lenda Amazônica	nº 1405, p. 51	Lenda indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1929_01405.pdf
Pelos campos...	nº 1417, p. 11	Artigo sobre a ciência, agricultura e inteligência indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1929_01417.pdf
Como vivem os índios	nº 1422, pp. 26- 27	Reportagem fotográfica sobre indígenas Iny (Karajás) localizados ao longo do rio Araguaia em Goiás	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1929_01422.pdf
O primeiro habitante do Brasil	nº 1423, p. 56	Artigo sobre história indígena e seus costumes	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1929_01423.pdf
A proteção republicana aos índios brasileiros	nº 1446, p. 21	Reportagem fotográfica sobre o indígena como parte da história do Brasil e os trabalhos da SPI	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1930_01446.pdf

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 16: 1931 a 1932

Título	Edição e página	Tema	Link de acesso
Atavismo	nº 1482, p. 24	Poema indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1931_01482.pdf
Usos e costumes guaranis	nº 1522, p. 22	Artigo de curiosidade dos indígenas guaranis	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1932_01522.pdf
A vida de Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, segregado da civilização, entre índios botocudos	nº 1543, 1544, 1546, p. 18	Reportagem fotográfica sobre bandeirante e indígenas botocudos	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1932_01543.pdf https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1932_01544.pdf https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1932_01546.pdf
Bandeirantes	nº 1545, p. 10	Crônica sobre bandeirante e os indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1932_01545.pdf
História da minha terra	nº 1553, p. 37	Poema indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1932_01553.pdf
Nos cornos da bem-aventurança	nº 1557, p. 12 e 1558, p.22	Crônica sobre raça	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1932_01557.pdf https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1932_01558.pdf
Oitava pistola	nº 1560, p.18	Crônica sobre raça	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1932_01560.pdf
Papai Noel de aspecto frio e o vovô índio de tanga e penas	nº 1566, p. 11	Crônica sobre identidade nacional natalina	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1932_01566.pdf
Vovô índio será nosso Papai Noel	nº 1566, p. 20	Artigo sobre Papai Noel nacional indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1932_01566.pdf

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 17: 1933

Título	Edição e página	Tema	Link de acesso
Vovô índio	nº 1568, p. 5	Lenda de origem amazônica	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1933_01568.pdf
De tudo um pouco	nº 1568, p. 20	Artigo sobre substituição do Papai Noel para Vovô Índio	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1933_01568.pdf
Charge sobre vovô índio	nº 1569, p. 8	Charge sobre fantasia de vovô índio	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1933_01569.pdf

Vovô índio	nº 1573, p. 6	Artigo sobre substituição do Papai Noel para Vovô Índio	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1933_01573.pdf
Os festejos do Urain-ngrédu	nº 02, p. 26	Reportagem	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1933_00002.pdf
A Yara	nº 02, p. 12	Lenda indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1933_00002.pdf
O palácio da sabedoria	nº 05, p. 17	Exposição Etnóloga	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1933_00005.pdf
Anchieta, Santo do Brasil	nº 08, p. 8	Crônica histórica	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1933_00008.pdf
A lenda da Quina	nº 09, p. 30	Lenda indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1933_00009.pdf
Os maridos da lua	nº 15, p. 13	Lenda indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1933_00015.pdf
Um monstro pré-histórico, o crocodilo mamuth, vivo num lago misterioso de Mato Grosso	nº 17, pp. 13-15	Reportagem	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1933_00017.pdf
Os Parintintins da Amazônia	nº 18, p. 19	Artigo fotográfico com indígenas Kagawahiva (Parintintins)	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1933_00018.pdf
O Uyrapurú	nº 20, p. 22	Lenda indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1933_00020.pdf
Os primeiros descobridores da América antes de Colombo	nº 22, pp. 25-26	Crônica histórica	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1933_00022.pdf
Avati, ou a lenda do milho	nº 23, p. 15	Lenda indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1933_00023.pdf
Um gigante da raça de bronze, Ajuricaba	nº 26, p. 27	Crônica	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1933_00026.pdf
Papai Noel e Vovô Índio	nº 29, p. 33	Crônica	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1933_00029.pdf
Papai Noel e Vovô Índio	nº 30, p. 16	Crônica	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1933_00030.pdf
Mãe da Lua	nº 30, p. 19	Lenda indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1933_00030.pdf

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 18: 1934

Título	Edição e página	Tema	Link de acesso
Nas selvas do Brasil Central	nº 32, pp. 22-23	Fotorreportagem sobre indígenas Iny (Karajá)	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1934_00032.pdf
A melhor “bola” do Carnaval deste ano	nº 36, p. 26	Fotorreportagem sobre simulação indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1934_00036.pdf
A vida nas margens do Araguaia	nº 37, pp. 34-35	Fotorreportagem sobre indígenas Apyāwa (Tapirapés)	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1934_00037.pdf
O enterrado vivo	nº 38, p. 30	Crônica história	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1934_00038.pdf
Anchieta (O santo da selva)	nº 42, pp. 22-23	Crônica história	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1934_00042.pdf
Nosso Anchieta	nº 42, p. 11	Crônica história	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1934_00042.pdf
Terra de Santa Cruz	nº 48, p. 32	Crônica história	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1934_00048.pdf
Esculturas do Peru Antigo	nº 53, p. 13	Curiosidade	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1934_00053.pdf
Os caçadores de cabeça humana	nº 54, pp. 14-15	Curiosidade	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1934_00054.pdf
Hê! Hê! Hê!	nº 63, p. 29	Conto	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1934_00063.pdf
Primores da arte ameríndia	nº 63, p. 12	Curiosidade	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1934_00063.pdf
Um Carijó, fidalgo de França	nº 64, p. 12	Conto	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1934_00064.pdf
Uns granitos cor de aço	nº 64, pp. 18-19	Conto	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1934_00064.pdf

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 19: 1935

Título	Edição e página	Tema	Link de acesso
Arte no país dos antropófagos	nº 88, pp. 14-15	Ensaio sobre curiosidade artística indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1935_00088.pdf
Teriam os nossos índios vindo da Grécia	nº 92, pp. 20-21	Ensaio sobre curiosidade artística indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1935_00092.pdf

dos tempos heroicos?			
Relíquias artísticas do Chaco	nº 103, p. 20	Ensaio sobre curiosidade artística indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1935_00103.pdf
O estrangeiro	nº 109, p. 37	Crônica	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1935_00109.pdf
Saint-Hilaire e Firmiano	nº 111, p. 16	Crônica Expedição Científica	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1935_00111.pdf
Ataque dos Minuanos	nº 121, p. 24	Crônica histórica	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1935_00121.pdf
A Uyara dos olhos cor do céu	nº 128, p. 12	Lenda	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1935_00128.pdf
Expedições com Movex	nº 132, p. 30	Crônica Expedição Científica	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1935_00132.pdf

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 20: 1936

Título	Edição e página	Tema	Link de acesso
A Lenda das Estrelas	nº 135, p. 27	Lenda indígena do povo Boe (Bororo)	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1936_00136.pdf
Dentro do Mistério Verde	nº 148, p. 33	Fotorreportagem educação indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1936_00148.pdf
Por que desapareceram os nossos indígenas?	nº 168, pp. 32-33	Ensaio sobre a possível extinção indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1936_00168.pdf
A Missão do Guerreiro	nº 183, p. 37	Crônica Expedição Científica	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1936_00183.pdf
Vovô Índio	nº 186, p. 18	Crônica natalina	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1936_00186.pdf

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 21: 1937 a 1939

Título	Edição e página	Tema	Link de acesso
Padre Manoel da Nobrega	nº 205, pp. 32-33	Crônica religiosa	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1937_00205.pdf
Índios Brancos...	nº 209, p. 11	Crônica de curiosidade indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1937_00209.pdf

A dança do Huruana	nº 212, p. 10	Fotografia indígenas Iny (Karajá)	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1937_00212.pdf
Yacou-Mama	nº 212, p. 13	Conto indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1937_00212.pdf
Os tajás na Amazônia	nº 213, p. 29	Artigo botânico	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1937_00213.pdf
O estrangeirismo da arte marajoara	nº 225, p. 14	Artigo arte indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1937_00225.pdf
Bandeirantes	nº 233, p. 32	Conto bandeirante	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1937_00233.pdf
Capa d' <i>O Malho</i> 16/12/1937	nº 237, p. 1	Capa com representação indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1937_00237.pdf
Os Três Sonhos de Paraguassú	nº 250, p. 28	Crônica indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1938_00250.pdf
Capa d' <i>O Malho</i> 04/08/1938	nº 270, p. 1	Capa com representação indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1938_00270.pdf
O Índio na Pintura do Brasil	nº 294, p. 33	Ensaio com elogio a pintura de indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1939_00294.pdf
Ilha da boa viagem	nº 317, pp. 22-23	Ensaio religioso sobre catequese	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1939_00317.pdf
Cova de Caco	nº 319, p. 19	Crônica de opinião sobre adornos indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1939_00319.pdf

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 22: 1940 a 1942

Título	Edição e página	Tema	Link de acesso
O Presidente Getúlio Vargas na Ilha do Bananal	nº 8, pp. 14-15	Fotorreportagem com indígenas Iny (Karajá)	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1940_00008.pdf
Quando e onde viveu o homem primitivo na América?	nº 15, pp. 16-17	Artigo arqueológico	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1941_00015.pdf
Os futuristas do passado e os passadistas do presente	nº 15, p. 24	Poesia indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1941_00015.pdf
Aspectos mitológicos das nossas lendas	nº 16, pp. 41-41	Artigo sobre lendas indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1941_00016.pdf
Marajoara	nº 17, p. 48	Crônica	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1941_00017.pdf

Na estreia do Brasil	nº 20, p. 44	Artigo de opinião com recomendação literária de história indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1941_00020.pdf
Alencar para as crianças	nº 22, p. 3	Indicação literária de <i>O Guarani</i> – José de Alencar	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1941_00022.pdf
O índio que fundou uma república	nº 27, p. 73	Publicidade sobre exemplo de indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1942_00027.pdf
Humorístico Histórico	nº 29, p. 30	Caricatura de indígena com barba	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1942_00029.pdf

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 23: 1943 a 1946

Título	Edição e página	Tema	Link de acesso
O Brasil longe da avenida	nº 36, pp. 12-13	Fotorreportagem sobre indígenas Iny (Karajá)	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1943_00036.pdf
Irmão Guarani	nº 41, p. 26	Crônica sobre alegoria indígena de irmandade brasileira e paraguaia	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1943_00041.pdf
Lendas e mitos brasileiros	nº 42, pp. 26-27	Lendas indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1943_00042.pdf
Terra de Ararigboia	nº 48, p. 39	Crônica patriótica sobre líder indígena Maracajá-Guaçu	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1944_00048.pdf
Itapuca	nº 49, p. 35	Lenda indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1944_00049.pdf
O trabalhador da Amazônia colabora para a vitória das Nações Unidas	nº 52. pp. 29-30	Fotorreportagem sobre educação indígena ao trabalho como civilização	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1944_00052.pdf
As febres	nº 62, p. 14	Crônica crítica às expedições em território indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1945_00062.pdf
Costumes bárbaros de antigos povos americanos	nº 78, p. 4	Curiosidades sobre costumes indígenas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1946_00078.pdf
Anchieta	nº 82, p. 69	Resumo de obra literária sobre catequese indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1946_00082.pdf

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 24: 1947 a 1949

Título	Edição e página	Tema	Link de acesso

E os teus pulsos se tornaram a soltar	nº 87, p. 34	Crônica de defesa a miscigenação	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1947_00087.pdf
O Brasil Ludibriado	nº 91, p. 37	Crônica de defesa a miscigenação	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1947_00091.pdf
O famoso peixe-boi do Amazonas	nº 92, p. 14	Curiosidade animal e pescaria indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1947_00092.pdf
Sobre o tabaco	nº 97, p. 25	Curiosidade sobre costume indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1948_00097.pdf
Iracema, um bailado no Teatro Municipal	nº 98, p. 34	Nota sobre peça de teatro de temática indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1948_00098.pdf
O cartaz dos “boca negra”	nº 103, p. 22	Mitos sensacionalistas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1948_00103.pdf
Para o carnaval	nº 109, pp. 30-31	Sugestões de fantasias indígenas norte-americana	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1949_00109.pdf
Um misterioso encontro	nº 112, p. 38	Curiosidade exótica de indígenas ferozes	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1949_00112.pdf
As verdadeiras virtudes do Mate	nº 115, p. 53	Curiosidade sobre costume indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1949_00115.pdf

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 25: 1950 a 1951

Título	Edição e página	Tema	Link de acesso
Civilizados versus Aborígenes	nº 123, p. 25	Crônica crítica sobre educação civilizatória	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1950_00123.pdf
Cerâmica da Amazonia	nº 125, pp. 20-21	Curiosidade sobre cerâmica indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1950_00125.pdf
Mandioca	nº 129, p. 8	Curiosidade sobre alimentação indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1950_00129.pdf
Boa leitura	nº 130, p. 3	Recomendação de literatura infantil indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1950_00130.pdf
A tragédia do Rubião	nº 132, pp. 62-63	Conto com figuração exótica do indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1951_00132.pdf
Simples formiguinhas	nº 134, p. 20	Crônica crítica sobre educação civilizatória	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1951_00134.pdf
Bananais	nº 137, p. 49	Curiosidade sobre alimentação indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1951_00137.pdf
Nosso teatro no Festival Britânico	nº 139, p. 42	Curiosidade com atração exótica indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1951_00139.pdf

A “Stampede” de Calgary	nº 142, p. 22	Curiosidade com atração exótica indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1951_00142.pdf
-------------------------	---------------	--	---

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 26: 1952 a 1953

Título	Edição e página	Tema	Link de acesso
Fantasia	nº 145, p. 15	Citação sobre fantasia de “índios”	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1952_00145.pdf
Para não repetir-se o caso Fawcet	nº 149, p. 11	“Índios” antropófagos	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1952_00149.pdf
Excelente leitura	nº 150, p. 46	Indicação literária <i>Cenas da vida indígena</i> – Manoel Rodrigues Ferreira	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1952_00150.pdf
Descoberta do desbravador	nº 152, p. 56	Artigo sobre expedição Rondon	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1952_00152.pdf
O sal entre os selvícolas	nº 153, p. 11	Curiosidade sobre alimentação indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1952_00153.pdf
Bahia, baluarte da independência da Pátria	nº 153, p. 89	História e a participação indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1952_00153.pdf
Livros aconselháveis	nº 153, p. 161	Indicação literária <i>Contos dos Meninos Índios</i> – Hernani Donato	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1952_00153.pdf
O anzol	nº 154, p. 82	Curiosidade costume indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1952_00154.pdf
Farinha	nº 157, p. 4	Curiosidade alimentar indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1953_00157.pdf
Exaltação religiosas dos Filipinos	nº 158, p. 36	Verbete religião indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1953_00158.pdf
De mês a mês	nº 160, p. 26	Dia do “índio” nas escolas	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1953_00160.pdf
Já não era apenas padre	nº 161, p. 8	Crônica religiosa sobre catequese	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1953_00161.pdf
Livros!	nº 161, p. 42	Indicação literária <i>Terras e Índios do Alto Xingu</i> – Manoel Rodrigues Ferreira	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1953_00161.pdf
Uma índia ‘assobiável’ vence sem arco e flecha	nº 165, pp. 20-21	Artigo sobre atriz americana indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1953_00165.pdf
Comer com a mão	nº 166, p. 12	Curiosidade sobre costume indígena	https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/116300/per116300_1953_00166.pdf

Fonte: Elaborada pelo autor.